

ANDREIA MARIA ROQUE

**TURISMO NO ESPAÇO RURAL: UM ESTUDO MULTICASO
NAS REGIÕES SUL E SUDOESTE DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Mestrado em Administração Rural, na área de concentração de Desenvolvimento Rural, para obtenção do título de "Mestre".

Orientador

Prof. Dr. Edgard Alencar

LAVRAS
MINAS GERAIS - BRASIL

2001

MINAS GERAIS

*Onde há águas,
onde há pedras,
onde há Minas,
esconde-se feiúra,
bate ternura,
feliz criatura.*

*A água corrente
nas pedras, batente,
de Minas, semente
de vales dormentes.*

*Sereno mineiro,
aconchego de fala,
é luz de brilho pouco,
sorriso de gado leiteiro.*

Minas são gerais

*e poços de contos.
Saudades, pedalando,
Esquecer-te, jamais.*

Tércio Paparoto

Ao Mestre Edgard Alencar;

OFEREÇO

Ao João ;

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Meu especial agradecimento a todos que participaram desta pesquisa:

Adair Waldemar Manso da Fonseca – EMATER/MG

Angela Aparecida Marcondes Alves - Prefeitura de Delfim Moreira/MG

Ariovaldo Kalil – EMATER/MG

Alexandre Chut - Associação Ecológica Projeto Plantar/RJ

Ancideriton Vilasboas – EMATER/MG

Antonio Carlos Calais Moreira- Estalagem Fazenda/MG

Antonio de Araujo Novaes - Fazenda Córrego Alegre/MG
Ary G. Miranda Filho - Hotel Fazenda Bavária/MG
Álvaro João Lacerda - Fazenda da Olaria /MG
Banco do Nordeste do Brasil S/A
Carlos André Musa de Brito Sarmiento- Hotel Turismo Serraverde S/A
Cássio Garkalns de Souza Oliveira- Qualitec/SP
Cláudia Macedogil - Empresa Mineira de Turismo – Turminas/MG
Clayton Campanhola- EMBRAPA- Jaguariúna/SP
Cléa Venina Ruas Mendes Guimarães – EMATER/MG
Daniel Machado Coelho – UNB/DF
Deny Sanábio – EMATER/MG
Diogo Guerra - EMATER /MG
Doris Ruschmann - Ruschmann Consultores de Turismo/SP
Edson Vilela de Carvalho – EMATER/MG
Emílio Duarte Lana - Hotel Fazenda Pousada Vai Vem
Fábio Morais Hosken – SEBRAE/MG
Florinda Naide Maglio/SP
Geraldo Magela Ramalho- Taboquinha/MG
Homero de Souza Moreira Júnior – EMATER/MG
Hans e Joachim Egon Kuhnle - Estância Floresta Negra/MG
Helena Dias - Centro Equatorial de Turismo Ambiental Amazônico
Hugo Seara Augusto Moreira e Luiz Hermeto Moreira - Fazenda Helena/MG
Humberto Porcaro Ramos – EMATER/MG
Ilceu Carvalho - Estância Ponta do Morro/MG
Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais
Irineu Baltieri - Fazenda Cassorova/ES
Isaura Maria de Resende - Fazenda Pedra Negra/MG
Itagiba Nogueira de Oliveira - EMATER /MG
Ivone da Silva Rodrigues- UFSM/RS
Jaime Antonio Pena Diniz - Fazenda Boa Esperança/MG
João Batista de Rezende – EMATER/MG
José Bernardes Ferreira - Hotel Fazenda Pedra do Sino/MG
José Cesar Oliveira e Roselle Fernandes Oliveira - Sítio Araucária/SP

José Geraldo Fernandes de Araújo – UNIVALE/MG
José Geraldo / Fernando/ Raimundo - Piscicultura Rio Comprido/MG
José Maria da Silva – EMATER/MG
José Maurício de Carvalho - Fazenda Novo Horizonte/MG
Karin Vecchatti – ESALQ/SP
Leandro Carnielli - Fazenda Carnielli/ES
Leonel Sátira de Lima – EMATER/MG
Luciano Augusto Agostini - Fazenda São José das Palmeiras/MG
Luciel Henrique de Oliveira – UNIFENAS/MG - ESPM/SP
Luiz Felipe Silva Lopes de Oliveira - Empresa Mineira de Turismo/MG
Luiz Paulo de Novaes Rêgo- Pouso de Minas/MG
Manoel Pereira de Mello Filho - Secretaria Municipal de Turismo e Cultura
Mara Flora- EMBRATUR/DF
Marcelo Franca Burgos- Fazenda São Miguel - Pousada dos Lobos/MG
Marcia Gonzaga Rocha – SEBRAE/MS
Marcos Antônio de Figueiredo - Fazenda da Mata/MG
Maria Aparecida Araújo Macahiba - Fazenda Boa Vista/MG
Maria Isabel escarpa Arruda - Fazenda Santo Antônio da Bela Vista/MG
Maria Salgado Lauria - Hotel Fazenda Haras Eldorado/MG
Mário Braga Corrêa - Ambiental Turismo
Mario Portocarrero - Fazenda Caetê/MG
Mário Ribeiro Guimarães Jr. - Hotel Fazenda do Engenho/MG
Marisa Finzi Foã - Centro de Educação Ambiental Pousada Colina Verde
Neliton Brito - Terra do Sol/MG
Newton de Oliveira Andrade – CATI/SP
Newton de Oliveira Camargo Jr. - Recanto Sítio do Capitão
Oscar Tarquinio – INDI/MG
Paulo Carvalho Fonseca – EMATER/MG
Paulo Cesar Prince Ribeiro – SEBRAE/MG
Paul Dale- Fundação Florestal/SP
Paulo Roberto Alves - Fazenda Brumado/MG
Pedro Cardoso- Recanto dos Buritis/MG
Prof. Joaquim Anécio Almeida- UFSM/RS

Réges Sulino Terra – EMATER/MG
Regina Martins de Camargo - Fazenda Aterradinho/MG
Reginaldo da Silva Medeiros - Banco do Nordeste do Brasil S/A
Ricardo Augusto de Boscardo de Castro – SEBRAE/MG
Ricardo Peçanha Paez - Fazenda Mata Virgem/MG
Roberval Juares de Andrade – EMATER/MG
Rogério Bernardes Ferreira - Hotel Fazenda Pedra do Sino/MG
Rogério Daros- Fazenda Cachoeira/MG
Sandra Maria La-Gatta Martins – EMATER/MG
Sonia Perra e Antônio Carneiro- Fazenda das Minhocas/MG
Suzana Maria Sousa Lima Mattos de Paiva - AMETUR /MG
Tancredo Alves Furtado Jr. Fazenda Pirapetinga/MG
Tania Maria Ávila Ferreira – EMATER/MG
Thaíse Costa Guzzatti – CEPAGRO/SC
Viviana Nalon - Fazenda Harmonia/RJ
Wenceslau Lopes Corrêa- Hotel Fazenda Barra Alegre/MG
Werter Valentim de Morres - Técnico da Área de Turismo Rural/MG

BIOGRAFIA

ANDREIA MARIA ROQUE, filha de Maria José Maglio Roque e João Roque, nasceu em São Paulo, SP, em 16 de setembro de 1967.

Graduou-se em Engenharia Agrônoma na Escola Superior de Lavras, em 1990. Especializou-se pela Estação Agrônoma Nacional em Lisboa – Portugal, na área de Desenvolvimento Rural e Vitivinicultura.

Especializou-se, na Faculdade Armando Álvares Penteado, em São Paulo, na área de Administração e Comércio Exterior.

Atuou em projetos de administração e reestruturações de propriedades rurais, na área de comércio exterior, complexos agro-industriais e meio ambiente de 1992-1997.

Em 1998 ingressou no curso de Mestrado em Administração na área de concentração em Desenvolvimento Rural, na Universidade Federal de Lavras - Minas Gerais.

Docente, na área de Administração e Turismo no em Faculdades e Universidades do Estado de São Paulo. (andreia.roque@itelefonica.com.br)

SUMÁRIO

SUMÁRIO	Página
LISTA DE ABREVIATURAS.....	i
LISTA DE ANEXOS	iii
LISTA DE QUADROS.....	iv
LISTA DE FIGURAS.....	vii
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. TURISMO NO ESPAÇO RURAL: UM COMPLEXO FENÔMENO A SER RECONHECIDO.....	04
2.1 Uma breve abordagem do turismo	04
2.2 Uma breve abordagem do espaço rural.....	11
2.3 O turismo no espaço rural (TER)	15
2.3.1 Conceituando o TER e suas modalidades.....	16
2.4 TER no mundo.....	24
2.5 O Brasil no cenário do turismo no espaço rural	34
3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	43
3.1 Objeto e objetivos da pesquisa.....	45
3.2 Definição da metodologia de pesquisa.....	46
3.3 Área de estudo.....	47
3.4 Trabalho em campo.....	49
4. RESPOSTAS AOS NOSSOS POR QUÊS.....	51
4.1 Origem do TER no sul e sudoeste mineiro.....	56
4.2 Como foi introduzido e quem foram seus precursores	57
4.3 Modelo adotado	59

4.4 Fatores que motivaram a implantação e o fortalecimento do TER	60
4.5 Os diferentes atores envolvidos	63
4.5.1 Os empreendedores.....	64
4.5.2 A comunidade.....	66
4.5.3 Os técnicos.....	69
4.5.4 As organizações governamentais e não governamentais.....	70
4.6 As muitas modalidades existentes.....	74
4.7 Um “raio-x ” do TER no sul e sudoeste mineiro.....	78
4.7.1 Identificando diferentes aspectos.....	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXOS	106

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Questionário para proprietários rurais / empreendedores do turismo no espaço rural.....	106
ANEXO B	Questionário para técnicos	109
ANEXO C	Questionário para organizações	112
ANEXO D	Catálogos de empreendimentos turísticos no espaço rural de Minas Gerais.....	115

LISTA DE ABREVIATURAS

ABAV	Associação Brasileira das Agências de Turismo
AGTURB	Associação dos Guias de Turismo do Brasil
ALMG	Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
AMETUR	Associação Mineira das Empresas de Turismo
ABRATURR	Associação Brasileira de Turismo Rural
AMO-TE	Associação Mineira dos Organizadores do Turismo Ecológico
AMPAQ	Associação Mineira dos Produtores de Aguardente de Qualidade
BDMG	Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais
BELOTUR	Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte
BN	Banco do Nordeste do Brasil

DNER/MG	Departamento de Estradas e Rodagem de Minas Gerais
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
FAEMG	Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais
FEAM	Fundação Estadual do Meio Ambiente
FEDERAMINAS	Federação das Associações Comerciais, Industriais, agropecuárias e de Serviço do Estado de Minas Gerais
FIEMG	Federação da Indústria do Estado de Minas Gerais
FINGETUR	Fundo de Investimento Geral de Turismo
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IEF	Instituto Estadual de Florestas
IGA	Instituto de Geociências Aplicadas
INDI	Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais
OCENG	Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais
OMT	Organização Mundial de Turismo
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
TER	Turismo no Espaço Rural
TR	Turismo Rural
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UNA	União dos Negócios e Administração Ltda.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RESUMO

O presente trabalho buscou identificar a trajetória das atividades turísticas no espaço rural mineiro, suas diferentes modalidades, seu processo de construção e desenvolvimento, além do inter-relacionamento com valores e tradições que regem a cultura rural. Procurou-se realizar a análise por meio de reconhecimento do processo de construção do espaço rural e do estudo sobre os anseios das populações concentradas nos grandes centros urbanos, que voltam ao campo para experimentar uma sensação de acolhimento, as respostas almejadas. A abordagem do problema de pesquisa foi de natureza qualitativa e quantitativa. A análise dos resultados, confirmou que atividades turísticas estão inseridas na realidade do espaço rural do sul e sudoeste mineiro, que existem diferentes terminologias adotadas para diferentes realidades turísticas no campo tais como hotel-fazenda, fazenda-hotel, turismo de campo, entre outras, e que estas não abordam necessariamente a mesma modalidade de atividades. Existem atividades turísticas no espaço rural que não interagem com as tradições rurais ou mesmo com as produções agropecuárias cotidianas, mas que, na área analisada, há a peculiaridade da coexistência entre o turismo e atividades produtivas agropecuárias cotidianas. De maneira em geral, as atividades turísticas encontram na fazenda típica do sul e sudoeste mineiro um ambiente acolhedor para seu desenvolvimento.

ABSTRACT

This present work identifies the tourism activities course in the Minas Gerais' rural space, their typologies differences, their construction and development process, besides their interchange with the values and traditions of rural culture. Through the identification of the development of the rural space and the study of urban population intentions in the moment they come back to the country searching a warming feeling, this work found its answers. The problem approach was focused on quality and quantity research. The analyze of the results affirmed that the tourism activities are inside the rural space reality in the south and southeast of Minas Gerais. Besides that, it confirmed that there are differents terminologies for differents tourism realities such as rural tourism, tourism in the rural space, endogenous

tourism, between others and also that these concepts don't necessarily refer to the same modality of activity. There are tourism activities in the rural space that don't interchange with the rural traditions or even with the regular agriculture activities, but the region analyzed presents a peculiar interrelation between the tourism and the custom agriculture productions. In general, the tourism activities find in the typical farm in the south and southeast of Minas Gerais a warming environment for their development.

1. INTRODUÇÃO

O termo “turismo” tem sua origem no radical *tour* do latim, oriundo do substantivo *tornu,s* do verbo *tornare*, cujo significado é de giro e volta. No mundo moderno, o fenômeno turístico apresenta-se diretamente relacionado a economia, viagens, reconhecimento de novas realidades, necessidade de descanso e lazer, alcançando, nos últimos anos, fantásticos índices de crescimento e otimizando diferentes espaços, como os naturais e rurais.

Ao contrário do que muitos possam imaginar, é possível reconhecer atividades turísticas em espaços rurais desde a antigüidade. Porém, o reconhecimento delas como atividades produtivas, complementares às tradicionais atividades agropecuárias e geradoras de renda para o meio rural, aconteceu em decorrência dos primeiros resultados obtidos nos estudos sobre as transformações que envolveram o mundo rural nas últimas décadas. Particularmente, no que se refere à diversidade das formas de produção e reprodução do meio.

Os primeiros trabalhos específicos referentes às atividades turísticas nos espaços rurais surgiram na década de 1980 e foram feitos por Mormont (1980), Rambaud (1980), os quais contribuíram para a percepção do processo de desenvolvimento dessas atividades. No Brasil, os primeiros estudos foram feitos pela Embratur (1994) e Zimmermann e Castro (1996), que sinalizavam para a dinâmica e identidade das atividades turísticas em nossos espaços rurais.

Diante da percepção do processo em curso, esse estudo propôs traçar, dentro de uma dimensão de tempo, espaço, história, memória e territorialidade, a identidade e tradições do espaço rural do sul e sudoeste mineiro, suas redes de relações sociais, valores e inter-relacionamento com as atividades turísticas.

Procurou-se identificar tradições que regem a vida rural; analisar se a sua manutenção é condição fundamental para o desenvolvimento das atividades turísticas no campo ou empecilho; verificar se as atividades turísticas no espaço rural apresentam-se como alternativas econômicas para o desenvolvimento regional e verificar a possibilidade de coexistência entre atividades produtivas agropecuárias e turísticas.

Os estudos concentraram-se na mesorregião sul e sudoeste de Minas Gerais. Terra misteriosa, que esconde atrás de suas montanhas não mais o ouro pelo qual os desbravadores adentraram pelas “Gerais”, mas sim sua tradição. Tradição essa resgatada no sabor de seus quitutes, na beleza de sua música, no borbulhar de seus “causos”, nas histórias do imaginário popular, nos seus rios e cachoeiras, na opulência de suas fazendas, na diversidade cultural de sua gente.

Em um primeiro momento, procurou-se catalogar propriedades e pessoas que atuam com o turismo no espaço rural (TER), por considerar a identificação destes elementos fator fundamental para compreensão desta realidade.

Nesta etapa, foram realizados contatos com empreendedores e organizações representadas no Fórum Mineiro Permanente de Turismo Rural, entre elas: AGTURB, AMETUR, AMO-TE, AMPAQ, BELOTUR, FEDERAMINAS, FAEMG, FIEMG, IBAMA, EMATER, IEF, IGA, INDI, OCEMG, SEBRAE, SENAC e TURMINAS.

Após esses contatos, foi possível reconhecer a falta de informações e comunicações sobre a atividade turística no espaço rural de Minas Gerais. Demonstrase, assim, a necessidade urgente da coleta e organização de informações com base em um levantamento de dados consistentes e considerações teóricas sobre os aspectos históricos, culturais, econômicos e ambientais locais.

O caminho teórico deste estudo foi estruturado em capítulos. O primeiro está voltado para uma breve discussão teórica sobre o turismo e o turismo no espaço rural, contextualizando diferentes realidades mundiais, suas implicações históricas, antropológicas, sociológicas e administrativas.

O capítulo seguinte ocupou-se em definir os objetos de pesquisa, caracterizar a área de estudo e discutir a metodologia a ser adotada para a coleta dados.

Ao final, são apresentadas as conclusões obtidas. Os questionários utilizados encontram-se reproduzidos nos anexos dessa dissertação.

2. TURISMO NO ESPAÇO RURAL: UM COMPLEXO FENÔMENO A SER RECONHECIDO

As atividades turísticas no espaço rural têm ganho, nos últimos anos, grande dimensão econômica e social, envolvendo diferentes atores, demonstrando novos valores e projetando-se como tema de interesse e objeto de pesquisa dos mais variados meios que procura o reconhecimento dos elementos representativos envolvidos, ainda passíveis de reformulações e entendimentos.

A dificuldade de reconhecer as atividades turísticas no espaço rural tem origem na própria dificuldade de interpretar o turismo e o espaço rural e na identificação das diversas formas de como se apresentam. Este trabalho tentará resgatar parte desta discussão teórica, objetivando facilitar esse processo de identificação.

2.1 Uma breve abordagem do turismo

Viajar para lugares distantes, reconhecer novas terras, diferentes povos e culturas são atividades que remontam à antigüidade. Segundo Robert McIntosh, citado por Ignarra (1999), as viagens de visitação como parte do movimento turístico surgiram com os babilônios por volta de 4000 a .c. Mil anos depois, o Egito já recebia turistas para contemplar as grandes pirâmides.

Têm-se notícias, já no século XVIII, de jovens aristocratas ingleses que faziam longas viagens de estudo, o “*grand tour*”, repleto de atrativos prazerosos que denominavam de “turísticos” (Andrade:1998).

Todavia, foi no início do século XIX, no período de formação da sociedade capitalista, que o turismo foi reconhecido como atividade econômica e rentável, diretamente relacionada ao desenvolvimento tecnológico e a produtividade, como identificam alguns autores, entre eles Ignarra (1999) e Oliveira (1998).

“ O advento das ferrovias no século XIX, propiciou deslocamentos a distâncias maiores em períodos de tempos menores. Com isso o turismo ganhou grande impulso. Na Inglaterra, desde 1830 já existiam linhas férreas que transportavam passageiros. Em 1841, Tomas Cook organizou uma viagem de trem para 570 passageiros entre as cidades de Leicester e Loughboroug,na Inglaterra. A viagem foi um sucesso...”

(Ignarra , 1999: p.18).

“O desenvolvimento dos meios de transportes como o navio e o trem, associado ao crescimento das cidades, à evolução dos meios de comunicação e à industrialização, fez com que o setor turístico paulatinamente despontasse como setor econômico”
(Oliveira, 1998:p.89)

Nesta fase, o turismo era uma atividade voltada para a elite, símbolo de *status* social e produto do desejo da maioria da população. Somente no fim do século XIX, no período de desenvolvimento industrial, do trabalho remunerado e das férias obrigatórias, a classe média passou a participar das atividades turísticas. Já, na primeira metade do século XX, esta participação efetivou-se e as viagens, o lazer e o ócio transformam-se em necessidades básicas dos indivíduo, independente de sua classe social e poder aquisitivo.

As primeiras interpretações e conceituações que referenciam a atividade turística, como é reconhecida nos dias modernos, surgiram após 1930, na Faculdade de Economia de Berlim, quando foi criado o primeiro “Centro de Pesquisas Turísticas”. Seu objetivo eram os de analisar e conceituar o turismo sob o ponto de vista econômico, reconhecendo seus bens de consumo, serviços, dispositivos legais, normatizações e capacitação da mão-de-obra. Nesta etapa, conceituou-se o turismo como sendo :

“ ...a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e fora de um país cidade ou região”(Herman Von Schullar, citado por Ignarra, 1999: p.23).

“... uma ocupação de espaços por pessoas que afluem a determinada localidade, onde não possuem residência fixa.”(Gluscksmann & Benschaid , citado por Andrade,1998: p.34).

Alguns anos depois, em contraposição aos conceitos defendidos pela Escola de Berlim, surgiram interpretações voltadas para dimensões sócio- culturais, reconhecendo o turismo como:

“...o meio mais nobre para se conhecer, compreender e criar amizades entre os homens e os povos “ (Padilla, 1994: p.15)

“O Turismo é um fenômeno social que consiste no movimento voluntário e temporal de indivíduos ou grupo de pessoas fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura e saúde, deslocam-se do local que residem a outro no qual não exerçam nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações e importância social, econômica e cultural” (Padilla, 1994: p.15).

No início dos anos 1990, Jafar Jafari, citado por Beni (1997), vai além deste cunho simbólico, apresentando uma lógica holística do turismo, considerando-o como:

“O estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre o ambiente físico, econômico e sócio-cultural da área receptora”

A World Travel & Tourism Council (WTTC), entidade sediada em Bruxelas que congrega as maiores empresas multinacionais do setor, reconhece atualmente as atividades turísticas como a “indústria do turismo”. Como tal, apresenta os maiores índices de crescimento no contexto econômico mundial, superiores aos da indústria energética, movimentando cerca de US\$ 3,5 trilhões/ano. Empregava, em 1991, nada menos que 183 milhões de pessoas, passando, em 1994, a 204 milhões de pessoas em todo o mundo e, no ano de 1999, chegou a 260 milhões, (WTTC, 2000).

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1996), a atividade turística emprega uma a cada nove pessoas economicamente ativa, criando 745 empregos/dia com previsão para ocupar 348 milhões de pessoas até o ano de 2005 e participar em 10,7% dos investimentos mundiais. Porém, em contrapartida, os custos sociais e ambientais gerados pela atividade são elevados.

Em diferentes regiões ao redor do mundo, desenvolveram-se algumas formas de turismo depredadoras que vêm destruindo os recursos, alterando a natureza, as condições sociais e os hábitos locais. Perdendo, assim, a própria base da atividade conforme nos demonstram alguns relatos que se seguem:

“Os impactos físicos e ambientais do turismo são visíveis, essencialmente através da “floresta do bretão”, que percorre muitas das costas mediterrâneas”(Graça Joaquim, 1997:p.71)

“Portugal está mal explorado, mas o Algarve esta verdadeiramente saturado”(Pereira,1998: p.31).

“Devemos ressaltar que não é possível creditarmos ao turismo a responsabilidade total pela exacerbação dos problemas ambientais da Ilha de Santa Catarina,..., contudo alguns destes elementos, como os promontórios, as restingas e as dunas, têm sofrido uma pressão intensa de ocupação urbana, diretamente relacionada com a expansão turística”(Ouriques, 1998:p.15).

“.. a construção de hotéis e restaurantes em volta do Lago Atitlán obrigou a população indígena-campesina a emigrar da fértil região ribeirinha para as ladeiras montanhosas, não apropriadas para a agricultura”(Sall, 1987: p.10).

“No Rio Grande do Sul, um dos mais belos cartões postais, o “Parque Nacional Aparados da Serra”, estava sofrendo um forte impacto de turistas, que deixavam seu lixo e coletavam espécies da flora, sem nenhum tipo de controle...”(Rodrigues, 2000: p.41).

“A medida em que os empreendimentos turísticos avançavam na região, os conflitos pela posse de terra afluíram e agravavam o quadro da miséria dos camponeses que eram pressionados e expulsos de suas roças, através da venda ou abandono de suas posses e obrigados a se instalarem nos morros, ou seja, ocorreu a sua expulsão para novas ocupações (setor da construção civil de serviços) e para moradias precárias”(Teixeira, 1998:p.93).

Este processo de desgaste dos tradicionais produtos turísticos está fazendo com que muitos empreendedores e turistas busquem novas regiões de consumo. Diante disso, muitos pesquisadores, estudiosos, organizações e ambientalistas voltaram-se para a construção de um discurso, ressaltando a importância do turismo com responsabilidade ambiental, voltado para o desenvolvimento sustentável das atividades turísticas e aproveitamento consciente das novas áreas de consumo, entre elas as naturais e rurais.

Na atualidade, vários autores, entre eles Graça Joaquim (1997), ressaltam a promoção de um turismo globalmente responsável, traduzida pela sustentabilidade ecológica, social e econômica.

Segundo Almeida e Blos (1998), fala-se de um turismo alternativo em oposição ao modelo dominante, considerando-o como um "novo desenvolvimento" ou, mesmo, "desenvolvimento alternativo" que objetiva proporcionar outras opções para o fortalecimento regional das áreas rurais.

Não é o objetivo deste capítulo retomar às origens da sustentabilidade, ou mesmo do desenvolvimento sustentável, nem construir um referencial teórico sobre o tema. Porém, considerou-se necessário fazer referência a este, pois o reconhecimento da emergência de uma proposta voltada para a valorização de um turismo sustentável e responsável, direcionado para a proteção, preservação e utilização qualitativa dos recursos turísticos existentes, reconhecida oficialmente desde 1980, na conferência internacional da OMT em Manila, facilita o processo de compreensão do fortalecimento das atividades turísticas no espaço rural, voltadas para a valorização do ambiente, da população residente e de sua cultura.

2.2 Uma breve abordagem do espaço rural

"Deus fez o campo e o homem a cidade"
Autoria desconhecida

Foram os etnógrafos e sociólogos da Escola de Chicago, no princípio dos anos 1920, que iniciaram estudos de reconhecimento dos espaços. Eles privilegiaram as diferenças conceituais e consideraram os espaços rurais como sinônimo do campo bucólico e límpido apoiado no ideal imaginário das verdejantes campinas, e os espaços urbano, sinônimos de cidade industrial e caótica.

Pressupõem-se, na atualidade, que, para se proceder ao reconhecimento dos espaços, rurais ou urbanos, é necessário focalizar os processos de integração entre eles, pois, segundo Veiga (2000:p.1), não se pode separar ou tornar independente o rural do urbano ou vice-versa

"...não existe desenvolvimento urbano independente do desenvolvimento rural, tanto quanto não pode existir um desenvolvimento agrícola que dispense o desenvolvimento comercial industrial."

Os espaços já foram analisados por várias correntes teóricas como a dicotômica, a abordagem de inter-relações entre espaços e a oposição dicotômica ou *continuum*.

A dicotomia clássica apresentada nas abordagens da economia e sociologia rural, tem Karl Marx como um de seus precursores. Em várias passagens de sua obra "*Formação Econômica Pré-Capitalista*", Marx delimita a realidade do espaço urbano como categoria espacial e em constante oposição com a realidade de outra diferenciada categoria espacial, o rural.

Posteriormente às idéias defendidas por Marx (1985), muitos foram os autores que optaram por uma abordagem das inter-relações entre os espaços rurais e urbanos sob a ótica dicotômica, associando ao rural conceitos como os de caipira, caboclo, matuto, agrícola e atrasado e o urbano ao industrial e moderno e conceituando realidades empiricamente distintas e definidas. Normalmente, uma como negação a outra.

Com o desenvolvimento tecnológico, tornou-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre espaços e a discussão sobre o esvaziamento do sentido da dicotomia rural-urbana ganhou elementos nas visões de Cardoso (1998) e Carneiro (1997), dando vazão à vertente teórica, nomeada por Mendras (1959) como *continuum*. Esta vislumbra a "urbanização do mundo", as diferenças entre espaços, diluídas e não mais centradas nas diferenças e nos contrastes, transformando-as em uma massa compacta, tendo como únicas diferenças possíveis os sistema de produção e seus produtos finais.

Surgiu posteriormente a vertente teórica citada por Carneiro (1997). Ela propõe uma perspectiva investigativa centrada na realidade e complexidade, nos limites imprecisos e na ambivalência do processo de desenvolvimento de espaços. Essa visão surge em contraposição às leituras tradicionais da visão dicotômica e do *continuum*, que transformam as categorias espaciais rurais e urbanas em categorias simbólicas que foram construídas com base em representações sociais e culturais.

Quando, neste estudo, propôs-se analisar as atividades turísticas no espaço rural, procurou-se reconhecer verdades voltadas para as categorias simbólicas que envolvem a realidade do rural.

Mas, para fins de identificação local ou regional, procurou-se adotar conceitos que facilitem o reconhecimento dos espaços Mas, para fins de identificação regional, procurou-se adotar conceitos como os referendados por Keller (1993: p.55), que facilitam o reconhecimento da área a ser analisada

" Uma zona de escassa densidade de população, de poucas moradias e que tem uma economia baseada na produção de bens poucos variados procedentes de recursos naturais e situados em lugares longes ou afastados".

São também utilizados os conceitos adotados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1995), que estabelecem:

“Área urbanizada (meio urbano): a área legalmente definida como urbana é aquela caracterizada por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; afetada por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano e aquela reservada a expansão urbana.

Área não urbanizada: a área legalmente definida como urbana, mas caracterizada por ocupação predominantemente de caráter rural .

Área urbana isolada: aquela definida por lei municipal e separada da sede municipal ou distrital por área rural ou por um outro limite legal.

Zona rural: área externa ao perímetro urbano

Zona rural, exclusive aglomerado rural: área externa ao perímetro urbano, exclusive as áreas de aglomerado rural

Aglomerado rural: toda localidade situada em área legalmente definida como rural, caracterizada por um conjunto de edificações permanentes e adjacentes, formando área continuamente construída, com arruamentos reconhecíveis ou dispostos ao longo de uma via de comunicação.

Aglomerado rural – núcleo: localidade que tem a característica definidora de aglomerado rural isolado e possui pelo menos um estabelecimento comercial de bens de consumo freqüente e dois dos seguintes serviços e equipamentos: um estabelecimento de ensino de primeiro grau, de primeira a quarta série, em funcionamento regular; um posto de saúde com atendimento regular e um templo

religioso de qualquer credo para atender aos moradores do aglomerado e/ou áreas rurais próximas. Corresponde a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial, ou que não esteja vinculado a um único proprietário do solo e cujos moradores exerçam atividades econômicas, quer primárias, terciárias ou mesmo secundárias, na própria localidade ou fora dela.

Aglomerado rural - outros aglomerados: *localidade sem caráter privado ou empresarial que possui a característica definidora de aglomerado rural isolado e não dispõe, no todo ou em parte, dos serviços ou equipamentos para o povoado.”*

2.3 O turismo no espaço rural (TER)

Observa-se que as atividades de visitação e lazer no espaço rural, como outras formas de turismo, remontam à antigüidade, quando imperadores e guerreiros refugiavam-se nos campos, fugindo do cotidiano da grande Roma.

Na Idade Média, os nobres retornavam ao campo, mesmo que temporariamente, à procura do descanso e lazer. Tem-se notícia, na Espanha do início do século XI, do surgimento das primeiras hospedarias rurais no Caminho de Santiago de Compostela, centro de peregrinação cristã.

Após a Revolução Industrial, que influenciou o processo migratório da população rural para os centros urbanos, muitas pessoas mantiveram o hábito de visitar familiares e amigos no campo, à procura de vivenciar realidades distantes do cotidiano urbano.

Mas, a origem de atividades turísticas no espaço rural, como estratégia de reprodução socio-econômica para o meio, segundo Armand Schoppner, citado por Oppermann (1995: p.86), surgiu há aproximadamente 150 anos, na Alemanha. Lá, as fazendas recebiam visitantes no período das férias escolares, ofertando acomodações mais econômicas e a convivência com o cotidiano produtivo.

Nos últimos anos, a atividade vem alcançando fantásticos índices de crescimento, sendo possível reconhecer uma multiplicidade de formas de fazer turismo nos espaços rurais. Algumas estão diretamente envolvidas com o cotidiano agropecuário, voltadas para a valorização do campo e reconhecimento da cultura local. Outras, como os grandes empreendimentos hoteleiros nas famosas estações de esqui e grandes *ressorts* espanhóis, utilizam o rural somente como espaço físico para sua implantação e não interagem com a realidade local.

2.3.1 Conceituando o TER e suas modalidades

É possível reconhecer, na literatura sobre as atividades turísticas nos espaços rurais, uma grande diversidade de conceitos e terminologias, bem como diferentes concepções e interpretações.

Vários autores como Oxinalde (1994), Avilés e Requena (1993), Silva et al. (1998), Knigt (1996), Crosby e Moreda (1996), interpretam o turismo no espaço rural como sendo uma atividade que abarca toda e qualquer forma de turismo nesse espaço, com atrações peculiares a cada uma. Todavia, não são necessariamente voltadas para o cotidiano agropecuário, conforme relatos que seguem:

“ Às vezes o turismo no espaço rural japonês pode ser tipicamente urbano em sua forma, apesar de estar localizado no meio rural”
(Knigt,1996: p.35).

“ ... a denominação de turismo em áreas rurais para englobar não apenas aquelas atividades de serviços não agrícolas que vem se desenvolvendo no interior das propriedades rurais, tradicionalmente denominadas de turismo rural ou agroturismo - termos esses que serão utilizados como sinônimos, mas também aquelas atividades de lazer realizadas no meio rural, denominadas de turismo ecológico ou ecoturismo, o turismo de negócios, o turismo de saúde, etc..” (Silva et al., 1998: p.14).

“... o turismo no espaço rural, compreende todos os tipos de turismo, e o mais importante que engloba modalidades que não precisam se excluir, podendo ser complementares...” (Oxinalde, 1994: p.27).

“... qualquer atividade turística implantada em meio rural, considerando como parte integrantes deste meio as áreas naturais, litorâneas, etc.” (Crosby e Moreda , 1996: p.45)

Estas diferentes formas de se fazer turismo no espaço rural podem ser classificadas com base nos valores inerentes a cada uma delas como suas diferentes motivações, oportunidades, necessidades e disponibilidade de produtos a serem ofertados. Entre elas, podem-se citar o turismo rural, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo cultural, turismo religioso, turismo esportivo entre outros. Em determinadas situações, estas formas podem interagir entre si, complementarem-se ou serem identificadas isoladamente, dependendo da realidade local (Figura 1).

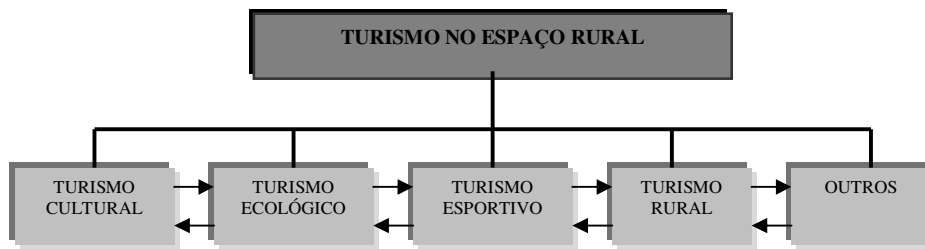


FIGURA 1 - Modalidades das atividades de turismo no espaço rural (TER).

Turismo cultural, segundo o Glossário Turismo Visão e Ação (Univale,2000: p.25), é definido como

“ um fenômeno social, produto da experiência humana, cuja a prática aproxima e fortalece as relações sociais e o processo de interação entre indivíduos e seus grupos sociais, ou de culturas diferentes.”

As características fundamentais desta forma de turismo se expressam pela motivação do turista em reconhecer novos hábitos, idéias, museus, igrejas, obras de arte,

entre outras motivações afins. No espaço rural, segundo Zimmermann (1995: p.2), esta modalidade é embasada na utilização dos recursos culturais de território em área rural, recursos artísticos, históricos e costumes, podendo ou não interagir com a realidade do turismo em espaços rurais voltados para atividades agropecuárias.

Turismo esportivo é uma modalidade que pressupõe uma programação com atividades voltadas para a participação ou acompanhamento de esportes. Segundo Andrade (1998: p.75), esta forma de turismo, é também denominada de Turismo Desportivo, que pode ser praticado nos espaços urbanos, espaços rurais naturais e espaços rurais produtivos, conforme a necessidade da atividade. Sendo identificada como:

” todas as atividades específicas de viagens com vista ao acompanhamento, desempenho e participação exercidos em eventos desportivos...”.

Turismo ecológico ou ecoturismo, tem despertado grande interesse dos pesquisadores da área, sendo muitas vezes descrito como produto, destinação ou como experiência. A EMBRATUR (1994: p.5), no seu manual de ecoturismo, editado em parceria com a *Commission Des Communautés Européenes*, o define como sendo:

“ O turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração do potencial turístico com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza, bem como oferecer aos turistas um contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica.”

O ecoturismo, como termo designativo de uma forma de se fazer turismo inserido no conjunto de alternativas turística, ganha espaço privilegiado nas obras de alguns autores e organizações, que o definem como sendo:

“Programas com atividades ligadas ao meio ambiente natural, em geral amadoras e contemplativas, onde o participante mantém contato com a natureza” (Eco Brasil, 1999 p.1).

“Uma modalidade de turismo, desenvolvida em áreas rurais e naturais, onde a paisagem, os recursos naturais e a biodiversidade são os principais componentes, como ponto de encontro, entre os fatores ambientais e os atróficos, cujo objetivo, é a integração dos visitantes no meio humano e natural” (Zimmermann, 1999: p.3).

“Ecoturismo é o segmento turístico onde a paisagem é a principal variável como ponto de confluência entre os fatores ambientais e atróficos, cujo objetivo é a integração entre o visitante e o meio natural e a população participa dos serviços prestados aos turistas. O Ecoturismo prioriza a preservação do espaço natural, onde é realizado, e o seu projeto contempla antes de tudo a conservação diante de qualquer outra atividade” (Crosby et al., 1993: p.55).

Porém, Monforth, citado por Pires (1996), considera que nenhuma definição conhecida de ecoturismo é completa e consegue sintetizar a realidade que engloba suas atividades. Propõe assim uma abordagem mais adequada que considera que o produto turístico, para receber o rótulo “eco”, deve cumprir alguns critérios de sustentabilidade ambiental, social, cultural e econômica, de aspectos educativos da atividade e da participação da comunidade local, podendo ser praticado, sob esta lógica, em qualquer espaço, ofertando diferentes produtos, que não só os naturais.

Segundo Rodrigues (1998), as atividades ecoturísticas praticadas nos espaços rurais podem referenciar não só os valores naturais como também os culturais. Devem, por isso, ser identificadas como “eco-rural”, uma forma alternativa ao turismo de massa que atende à demanda.

O turismo rural (TR) apresenta-se como uma das possíveis modalidades turísticas nos espaços rurais produtivos, os elementos que compõem sua oferta são as atividades agropecuárias, a cultura do povo do campo e suas tradições, o alojamento nas propriedades rurais, entre outras.

Erroneamente, muitos utilizam o TR como sinônimo de TER, pois toda a forma de TR é uma atividade turística no espaço rural, mas nem toda forma de TER, segue os moldes do turismo rural, podendo ter características tipicamente urbanas. Segundo Cals,

Capellà e Vaqué (1995), o universo do turismo rural encontra-se inserido dentro do universo do turismo no espaço rural, mas não pode ser considerado como a totalidade representativa deste universo

Esta realidade pode ser representada figurativamente por dois anéis concêntricos, o TER e TR, demonstrando suas correlações onde encontram-se sobrepostos e suas diferenciações nas outras áreas (Figura 2).

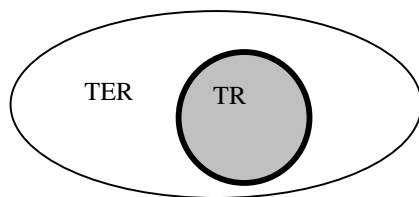


Figura 2 – Representação gráfica do universo do TER e do TR

Para Avilés e Requena (1993), o que diferencia a oferta do TR das outras formas de turismo nos espaços rurais é a preocupação de ofertar aos visitantes um contato único que permita a inserção no meio rural físico e humano, integrando-se a hábitos e crenças regionais essencialmente rurais.

Autores como Mormont (1980), Zimmermann (1995,1999), Graça Joaquim (1997) Barreras (1998), Rodrigues (2000) e EMBRATUR (2000) conceituam o TR da seguinte forma:

“Turismo Rural é um segmento do turismo desenvolvido em áreas rurais produtivas, relacionado com os alojamentos na sede da propriedade (adaptada) ou em edificações apropriadas (pousadas) nas quais o turista participa das diferentes atividades agropecuárias desenvolvidas nestes espaços, quer como lazer ou aprendizado. Deve ser incluída nesta modalidade, a oferta de produtos naturais de origem” (Zimmermann, 1995: p.2).

“ ... tem a particularidade de uma parte do produto turístico ser a própria ruralidade: a sua cultura, o seu modo de vida, as suas paisagens...”(Mormon, 1980: p.283).

“Turismo e ambiente: complementariedade e responsabilidade no ponto de articulação entre o moderno e o tradicional, alicerçado no consumo do simbólico de um rural reinventado, onde a codificação da conservação ambiental torna a diferença e a autenticidade símbolos acrescidos de prestígio” (Graça Joaquim, 1997: p.95).

“ Um conceito fundamental para se definir o turismo rural, além do relacionamento com a agropecuária, é que os serviços de alojamento, alimentação e outras atividades devem ser ofertadas pelos produtores rurais”(Barreras, 1998: p.142).

“O turismo rural no Brasil é como um mosaico cuja expressão cênica, está diretamente ligada aos recursos disponíveis e a sensibilidade de seu mentor” (Zimmermann, 1999: p.1).

“ ... uma atividade para ser categorizada como turismo rural, tem que interagir com o espaço rural, seja cultural, econômica ou socialmente. Esta interação ocorre cultural e socialmente quando há contatos entre turistas e moradores do local, economicamente quando há trocas de produtos ou valores entre o estabelecimento ou o turista e a pessoal local. “ (Rodrigues, 2000:p.16).

“... conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (EMBRATUR, 2000 : p.12).

Segundo Zimmermann (1998), os princípios que regem o turismo rural são o atendimento familiar, a preservação das raízes, a harmonia e sustentabilidade ambiental, a autenticidade de identidade, a qualidade do produto e o envolvimento da comunidade local.

Contudo, mesmo seguindo estes princípios que norteiam o TR, existem diferentes inter-relacionamentos entre esses princípios, que potencializam diversas formas de TR, classificadas segundo o produto turístico ofertado, denominadas de submodalidades do TR. Entre elas podemos citar o agroturismo, hotel-fazenda, fazenda-hotel, pousada-rural, colônias de férias rurais, entre outros, que podem interagir entre si, complementarem-se ou serem identificados isoladamente, dependendo da realidade local (Figura 3).

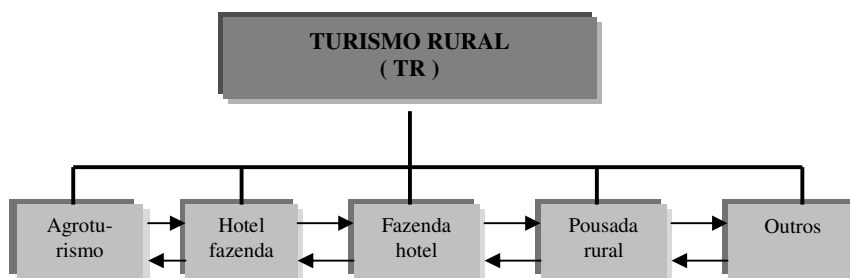


Figura 3 – Submodalidades das atividades de TR

2.4 O TER no mundo

Em diferentes países, nas últimas décadas, assistiu-se a um incremento expressivo da destinação turística ao espaço rural. Porém, existem distintas realidades frente às diversificações geomorfológicas dos espaços, situações econômicas, tradições e cultura local.

De maneira geral, desde os anos 1950, as atividades turísticas são consideradas estratégias de desenvolvimento local em muitos países ao norte e centro da Europa; a partir dos anos 1970, nos países do sul da Europa e Estados Unidos; na década de 1980 no Brasil, Argentina, Uruguai e dos anos 1990 em diante, em alguns países do continente africano, na Oceania e no Japão.

A Alemanha é o país berço das atividades turísticas no espaço rural. Mantém uma tradição de 150 anos de TR e vários empreendimentos turísticos reconhecidos como forma de renda complementar para o produtor rural, denominados fazendas hospedeiras. Elas oferecem hospedagem, alimentação a custo acessível e permitem aos visitantes uma inserção no meio rural físico e humano, bem como, sempre que possível, uma participação nas atividades, costumes e modos de vida da população local.

Outra forma possível de fazer TR, a mais reconhecida na Alemanha, é aquela que permite vivenciar o cotidiano regional sem se hospedar na propriedade rural. São denominados excursões ao campo ou circuitos rurais, organizados pelo período de um dia e possibilitam ao turista visitar propriedades agrícolas, reconhecer as belezas naturais regionais, o cotidiano do campo, além de sua culinária e produtos típicos (Oppermann, 1993).

Algumas ações inovadoras voltadas para o desenvolvimento das atividades turísticas rurais neste país podem ser citadas, tais como as do Grupo Euskirchen, em Hellenthal, que

participa do ordenamento da atividade na região; do Grupo Daun, de Rescheid e dos grupos Norden e Emsland, na Baixa-Saxônia, que têm como objetivo levar as quintas do interior a se beneficiarem da afluência de turistas vindos de outras regiões (Leader, 1993). Há ainda a ação no Maciço de Rhon, desde 1993, que cobre parte de três estados da Baviera, Hesse e Turingia, voltado para um plano de turismo sustentável e valorização de identidade regional, de caráter exclusivamente rural (Presvelou, 1998).

Além das atividades de TR, existem outros empreendimentos turísticos rurais denominados de pequenos hotéis e hotéis de montanha. Os pequenos hotéis são localizados em pequenos vilarejos, ofertam acomodações a baixos custos, sem qualquer envolvimento com o cotidiano da produção agrícola. Os grandes empreendimentos hoteleiros das montanhas, voltados para uma classe mais abastada, ofertam atividades de lazer voltadas para práticas de esportes de inverno.

A França, que dispõe de um espaço rural rico de recursos naturais e culturais, apresenta-se como o país europeu que detém os maiores e melhores índices de desenvolvimento das atividades turísticas no espaço rural (Oxinalde, 1994).

Também denominadas de turismo verde ou turismo da terra, as atividades turísticas nos espaços rurais produtivos, voltadas para a valorização da cultura local, surgiram no início do século e se oficializaram a partir da década de 1950, quando foram criados os movimentos associativos como o “*Gîtes de France*”.

A eficiente política de organização do turismo rural francesa fortaleceu o desenvolvimento da atividade, priorizou a identificação dos produtos de origem oferecidos denominados de “*filières*” e o reconhecimento geográfico dos condados e municípios. Atualmente, cada produto turístico rural francês tem instituições afins que os representam (Laurent e Mamdy, 1998).

Algumas das organizações francesas envolvidas com o TR são: a “*Gîtes de France*”, a maior e mais antiga associação de proprietários, que reúne aproximadamente 40.000 grupos de empreendedores rurais e tem atribuições importantes como a de criar padrões de qualidade, garantindo que seus membros a cumpram e procurar linhas de créditos e investimentos para o setor; a associação “*Bienvenue À La Ferme*”, que reúne aproximadamente 20.000 agricultores, foi criada pela Câmara de Agricultura cujos os empreendedores associados não ofertam hospedagem mas sim atividades diárias de visitação a propriedade, lanches, venda direta de produto. Outras associações reconhecidas

são a “*Accueil Paysan*”, catalogada desde 1987 com sede em Grenoble; a “*Meublés Confiance*”, criada em 1988 em Languedoc-Roussillon; a “*Nid-Vacance*”, criada na Bretagne, entre outras (Moinet, 1996).

Segundo Grolleau, em palestra proferida no Seminário Internacional de Turismo Rural(1993), o êxito das atividades de TR no espaço rural francês, voltadas para a valorização do cotidiano produtivo, se deu graças à participação das associações, comunidades e departamentos regionais, valorização dos circuitos rurais, estratégias de comunicação, estratégias de comercialização, estratégia de mobilização, o controle e zoneamento de proteção ambiental, grande quantidades de elementos naturais como montanhas e lagoas, capacidade de alojamentos suficientes, uma sinalização eficaz, participação e vontade política. É interessante ressaltar que são as mulheres a força de trabalho do TR e que a culinária típica rural exerce papel fundamental para seu fortalecimento (Laurent e Mamdy, 1998).

Segundo a Leader(1993), existem ações inovadoras que merecem destaque como: o grupo “*Lot et Garonne*”, em Aquitaine, que criou um percurso pitoresco de visitação; o grupo “*Haut- Allier*”, em Auvergne; o grupo *Haute-Jura*, em Franco-Condado, que negocia diversos alojamentos e produtos turísticos rurais e o grupo “*Périgord Vert*”, em Aquitânia, que criou o “circuito das águas”.

Outras atividades turísticas nos espaços rurais franceses podem ser identificadas como as estações de esqui nos Alpes e nos Massivos Central e Pirineus que, historicamente, receberam as primeiras ações voltadas para o desenvolvimento e modernização da atividades turísticas (Laurent e Mamdy, 1998)

Na Espanha, as atividades turísticas no espaço rural são denominadas de TARS (*Turismo en areas rurales*), com pequena parcela de envolvimento de propriedades rurais produtivas e com grandes empreendimentos hoteleiros direcionados ao lazer, estética e convenções (Avilés e Requena, 1993).

As atividades turísticas rurais, voltadas para a valorização do cotidiano produtivo, são fenômeno disperso com qualidade muito diversa, identificadas principalmente nas comunidades autônomas da Cataluña e Galícia, onde são encontradas experiências muito diversas e enriquecedoras, fortalecidas pelo trabalho feminino, sua força motriz. O território de Oscos-Eo em Astúrias, com a produção agropecuária tradicional voltada para

a pecuária, apresenta especial aptidão para o desenvolvimento de atividades turísticas rurais, com uma ação de desenvolvimento voltada para a qualidade do turismo rural (Presvelou, 1998).

Outras ações pontuais são catalogadas na região de Extremadura, como o *Grupo Sierra de Gata*, que organiza uma rede de alojamentos turísticos em casas típicas rurais. Em Andaluzia, na *Serrania de Ronda*, foi criado um centro de iniciativas turísticas que agrupa a força regional, estabelecendo normas de qualidade e assegurando o respeito pela sua aplicação e o grupo de *La Rioja*, que prepara um itinerário de caminhada no espaço rural (Leader, 1993).

Em Portugal, a atividade turística no espaço rural é fenômeno recente, que registrou, ao longo da década de 1980, um incremento expressivo na utilização destes espaços com destino turístico (Ribeiro, 1993).

No ano de 1990, com base na formulação de uma política de caracterização das atividades turísticas rurais, a Direção-Geral de Turismo estabeleceu três distintas formas de se fazer turismo no espaço rural: o agroturismo (AT) realizado em casas de habitação ou seus complementos integrados numa exploração agrícola, caracterizando-se pela participação dos turistas em trabalhos da própria exploração ou em formas de animação complementar; o turismo rural (TR), diretamente relacionado às casas rústicas com características próprias do meio rural em que se inserem, situando-se em aglomerados rurais ou não longe deles e o turismo de habitação (TH), realizado em solares, casas apalaçadas ou residências de conhecidos valor arquitetônico, com dimensões adequadas, mobiliário e decoração de qualidade. Cabe ressaltar que, nas duas últimas modalidades apresentadas, os empreendimentos turísticos não necessitam estar inseridos em uma exploração agropecuária e nem ofertarem ao turista à participação no cotidiano do campo (Ribeiro, 1998).

É possível identificar empreendimentos turísticos no espaço rural português em sete diferentes áreas: na chamada Costa Verde, Costa da Prata, Costa de Lisboa, Planícies, Algarve, Açores e Montanhas, onde se insere toda a faixa do interior norte. Existem organizações regionais, como o Grupo Vale do Lima, ao norte, que constitui uma rede de arrendamento de habitações turísticas de qualidade como solares e quintas e que

determina normas de qualidade a seus participantes e o Grupo Cova da Beira que atua no Centro de Portugal (Leader,1993).

Na Áustria, o turismo no espaço rural representa mais de 80% da oferta turística nacional e participa efetivamente com cerca de 15% no PIB nacional, com grande parte de sua população trabalhando direta ou indiretamente para o setor.

Segundo Hauser (1993), a grande maioria dos empreendimentos turísticos rurais austríacos são grandes hotéis internacionais, voltados para esportes de inverno na montanha. Somente uma décima parte das propriedades rurais produtivas são voltadas para atividades turísticas, ofertando pouso, alimentação, atividades de lazer e participação do cotidiano produtivo.

Algumas localidades apresentam uma aptidão especial para atividades turísticas nos espaços rurais produtivos, como o Tirol, região voltada tradicionalmente para a agropecuária, além de Salzburg e Carinthia.

Na Itália, as atividades turísticas no espaço rural se desenvolveram na década de 1960, quando receber visitantes nas propriedades agrícolas passou a ser uma forma de complementação da renda dos proprietários. Neste país, o reconhecimento da cultura rural, do cotidiano agropecuário e o convívio com as famílias rurais, transformaram-se no tripé fundamental para a implantação da atividade, sendo denominado por Desplanques (1973), como “ agricultura de lazer”.

É prática cotidiana do turismo rural italiano receber o turista para vivenciar um “dia de campo” nas propriedades rurais. Neste dia, é possível apreciar a gastronomia regional, interagir com o cotidiano produtivo, participar das festas típicas e conversas ao redor do fogão a lenha ao entardecer. Algumas destas propriedades já ofertam também o pouso em instalações próximas à casa do proprietário.

Na Suíça, as atividades turísticas inseridas no espaço rural tiveram início depois da Segunda Guerra Mundial, voltadas exclusivamente para a prática de esportes de inverno e grande complexos hoteleiros. Nos últimos dez anos, fortaleceram-se as atividades turísticas ligadas à valorização do cotidiano agrícola e dos produtores rurais. A proteção da paisagem rural, do meio ambiente, e das antigas instalações de rara beleza arquitetônica são a nova política que marca o discurso do poder público suíço, que toma como competência a

manutenção e regulamentação das novas atividades turísticas voltadas para o espaço rural (Keller, 1993).

A entrada da Grécia na Comunidade Européia contribuiu para o desenvolvimento das atividades turísticas nos espaços rurais em algumas regiões como a Trácia, situada no extremo nordeste da Grécia; Creta, no planalto de Lassithi e Epire, no golfo de Amvrakikos, situado na costa oeste da Grécia, tem especial aptidão para atividades turísticas em ambientes rurais e naturais. Neste país, a cultura local, o artesanato típico produzido pelas agricultoras e as belezas naturais formam o trinômio de desenvolvimento da atividade (Presvelou, 1998).

No Reino Unido, Irlanda e Bélgica, além da Hungria e Bulgária, é possível reconhecer diferentes atividades turísticas no espaço rural. Na Irlanda e no Reino Unido, há uma especial preocupação com a qualidade dos serviços prestados pelas “*farm-houses*”, forma de turismo rural praticada em antigas casas típicas ou alojamentos mais modernos inseridos na realidade de explorações agrícolas, que oferecem alojamento e alimentação (EMBRATUR, 1994).

Em todos os países membros da CEE, de maneira geral, o desenvolvimento das atividades turísticas rurais faz parte das ações do programa de fomento LEADER (“*Liaison Entre Action de Développement de l'Économie Rurale*”). Trata-se de uma iniciativa comunitária que surgiu na década de 1990, coordenada pela Direção Geral da Agricultura. O LEADER não é de fato um programa de desenvolvimento específico para o turismo, mas sim um plano de desenvolvimento rural local voltado para identificação de alternativas inovadoras e eficazes para o meio. Nos últimos anos, ele vem direcionando parte de seus recursos para o desenvolvimento das atividades turísticas no espaço rural, como forma de impulsionar o desenvolvimento local.

No âmbito do programa LEADER, algumas ações relacionadas ao turismo voltado para áreas rurais produtivas foram priorizadas para diagnosticar a situação de envolvimento da região, valorizar o patrimônio cultural e natural, apoiar investimentos turísticos privados e públicos, organizar a oferta turística local, comunicações e informações turísticas, além da criação de itinerários turísticos regionais (Leader, 1993)

No Continente Africano, as atividades turísticas no espaço rural em alguns países como o Senegal, Zimbabue Mauritània, Guiné, Camarões e Mali se desenvolveram no

começo da década de 1990. Os seus atrativos estão voltados as belezas naturais e a riqueza cultural de seus povos.

Desde 1974, no Senegal, já existe um programa para o desenvolvimento desta modalidade turística, implantado pelo governo, que procura valorizar ao longo do Rio Senegal, as grandes plantações de amendoim e se integrar ao cotidiano agrícola. Mas, o maior atrativo das áreas rurais deste país são a originalidade das acomodações no campo, o típico artesanato e gastronomia. Na atualidade, o mais famoso espaço turístico rural é Palmarin, que está localizado, a aproximadamente, 150 km da capital Dakar.

Na Mauritânia, o mais meridional dos países da África do Norte, o turismo no espaço rural ocorre nas áreas do deserto, nos oásis da Mauritânia e ao sul do país, em algumas savanas, onde o turista aprecia e vivencia a realidade dos nômades do deserto (Ortoli,1998).

Nos Estados Unidos, sempre existiu o hábito dos rancheiros cederem gratuitamente espaço em suas terras para acolher viajantes, visitantes, caçadores e pescadores que percorriam as regiões mais despovoadas do país. A partir dos anos 1970, estes rancheiros reconheceram no acolhimento aos viajantes uma nova atividade, lucrativa e geradora de renda local, denominadas de “farm-houses” ou “country vacations” (EMBRATUR, 1994).

Existem, atualmente, os mais variados serviços turísticos nos espaços rurais americanos, sendo, os “*country resorts*” a modalidade mais difundida ofertando, Além da hospedagem e alimentação, oferece variadas atividades de lazer, como a montaria em cavalo e touro, as festas regionais, além dos “*country spas*” voltados para a estética e saúde.

Desde o início da década de 1990, naquele país, os Amish, uma subcultura religiosa e ética americana que tem mantido muitas manifestações de um estilo de vida agrário e tradicional, abriram sua maior colônia, localizada no município de Holmes, nordeste do estado de Ohio, para o turismo. Criaram assim uma nova modalidade de TER americano, voltado para o reconhecimento do cotidiano agrícola e cultural dessa comunidade. Os turistas passam o dia na comunidade. São oferecidas as refeições e os produtos da propriedade para compra, mas não são ofertadas hospedagens (Donnermerer, 2000).

Países como a Nova Zelândia e Austrália, com grande extensão territorial e muitas regiões ainda desabitadas, adotaram a modalidade turística típica dos espaços rurais americanos.

No Uruguai, as atividades turísticas nos espaços rurais surgiram na década de 1980. Inicialmente, eram poucos empreendimentos voltados para as atividades turísticas nos

espaços rurais, mas atualmente, existem 109 estabelecimentos em todo o país. Segundo Mailhos (1998a), podem ser subdivididos em três diferentes modalidades: “*Estancias*”, “*Hoteles de Campo*” e “*Por el Dia*”.

As “*Estancias*” são propriedades rurais produtivas que utilizaram suas antigas instalações para a hospedagem. Nestas modalidades, o turista pode participar do cotidiano agropecuário da propriedade e conviver com seu proprietário e familiares.

Os “*Hoteles de Campo*” são empreendimentos turísticos instalados na área rural, que primam pelo conforto, e são muito semelhantes aos hotéis do centro urbano. “*Por el dia*” é uma modalidade propícia para recepcionar o turista por um curto período (no máximo 12 horas), com programações diversas como andar a cavalo, participar da colheita, das festas típicas, conhecer a comida típica regional, comprar produtos da localidade e participar das tarefas rurais com apoio didático; passeios guiados; reconhecimento da flora, fauna e demais particularidades de cada estabelecimento; atividades da cavalgadas e passeios em carruagem.

Na Argentina, vem aumentando gradativamente o número de turistas nacionais e internacionais que visitam os espaços rurais. As primeiras experiências de empreendimentos turísticos rurais realizaram-se no fim da década de 1960, com a abertura de magníficas fazendas, as “*Estancias*”. Pode-se dizer que foi a partir da década de 1980 que estas atividades turísticas se desenvolveram realmente. Nos dias atuais, é possível identificar vários empreendimentos turísticos rurais espalhados por todo o país, especialmente na região da Patagônia (EMBRATUR, 1994).

As modalidades do turismo no espaço rural argentino são: ecoturismo voltado para a visitação de meios naturais; o agroturismo referendado neste país como a atividade turística que se caracteriza pela participação do visitante no cotidiano da roça; o turismo cultural, o que permite ao visitante reconhecer a cultura do tradicional meio rural argentino; o turismo de aventura, que utiliza os recursos naturais dos espaços rurais para esportes radicais e de aventura; o turismo desportivo, voltado para a caça de animais em fazendas de caça; turismo técnico e científico, voltado para a visitação de propriedades rurais produtivas e com alta tecnologia e turismo educativo, voltado para a visitação de escolas que levam seus alunos para conhecerem o mundo rural (Barreras, 1998).

2.5 O Brasil no cenário do turismo no espaço rural

As atividades turísticas no espaço rural brasileiro começaram a se desenvolver há aproximadamente 20 anos e ainda confundem-se em seus múltiplos conceitos. Voltada principalmente para a realidade do campo, com suas tradições e culturas, também é denominado de turismo rural, turismo de interior, turismo alternativo, endógeno, turismo verde e turismo de campo.

Apresenta várias modalidades e diferentes possibilidades de integração com as práticas agropecuárias cotidianas, com a criação de animais silvestres como o javali, capivara, avestruz, aves exóticas, atividades esportivas, culturais, medicinais, ou mesmo voltadas para práticas tipicamente urbanas.

Tem-se notícia, no início dos anos 1980, em Lages, Santa Catarina, dos primeiros empreendimentos turísticos do TER no Brasil. Aquela cidade foi batizada de “Capital Nacional do Turismo Rural”, pois foi onde surgiram os primeiros empreendimentos turísticos rurais, em resposta às dificuldades financeiras enfrentadas por produtores rurais da região.

Em um primeiro momento, a Fazenda Pedras Brancas, pioneira na atividade, recepcionava turistas ofertando algumas atividades lúdicas relacionadas ao cotidiano da fazenda. Neste “dia de campo”, o visitante era recepcionado pela manhã, permanecendo até o anoitecer, participando da tosa das ovelhas, do plantio e da colheita.

Outras iniciativas se multiplicaram rapidamente e, num segundo momento, fazendas como a do Barreiro e Boqueirão começaram a ofertar hospedagem, além do dia de campo (Rodrigues, 2000).

No fim do anos 1980, em São Paulo, na região de Mococa, um grupo de proprietários se reuniu e construiu um produto turístico formado por 15 antigas fazendas da região, ofertando cavalgas, hospedagem e gastronomia típica. Tem-se notícia, em 1991, do primeiro empreendimento turístico no espaço rural mineiro, na Fazenda do Engenho, em Carrancas. Em 1993, o TER passa a ser também desenvolvido em Lavras do Sul, no Rio Grande do Sul, propagando-se rapidamente pelo país

O Rio Grande do Sul, é um estado que prima pela preservação de suas tradições culturais. O governo adotou uma política de desenvolvimento e fomento do TER, que vem apoiando a atividade, criando rotas rurais com o objetivo de reunir propriedades e municípios próximos pela valorização do produto local (p.ex: uva e vinho) ou de uma característica marcante (p.ex: colonização italiana) e apoiando o surgimento das “fazendas-pousadas”, na região pecuarista da Campanha Gaúcha. Naquele estado, já existe uma associação representativa constituída, a AGATUR (Associação Gaúcha de Turismo Rural e Ecológico).

Santa Catarina, o berço das atividades turísticas nos espaços rurais no Brasil, possui atualmente cerca de 1.200 leitos rurais, assim distribuídos: 80% no Planalto Serrano; 5% no Vale do Itajaí e os 15% restantes espalhados pelas demais regiões. Neste estado, foi criada a ABRATUR (Associação Brasileira de Turismo Rural), inicialmente como associação representativa dos empreendedores do turismo de Lages-SC, hoje atuando em âmbito nacional (Zimmermann, 1999).

O Paraná encontra-se em fase de estruturação das atividades turísticas no espaço rural, sendo possível identificar alguns empreendimentos isolados, como no município de Castro.

Em São Paulo, o fortalecimento do turismo em áreas rurais, especificamente do TR, aconteceu depois de 1996, por meio do programa de fomento “Volta ao Campo” do SEBRAE. Mas, antes já existiam alguns empreendimentos espalhados pelo Vale do Paraíba e na região de Mococa.

Atualmente, é possível verificar atividades voltadas para o cotidiano do campo e em áreas de proteção ambiental (APA). Em Sousa e Joaquim Egídio, em Campinas, ativaram-se projetos voltados para o reconhecimento pelos turistas do cotidiano agropecuário das propriedades nelas inseridas e em municípios, como Amparo e São José do Barreiro, com belas e antigas fazendas, aptas para a implantação de programas de turismo.

Existe também o Roteiro das Terras, composto pelos municípios de Araraquara, Descalvado e Porto Ferreira, com suas belas e tradicionais fazendas, plantações de cana-de-açúcar e laranja, oferecendo ao turista, hospedagem, esportes e lazer e o Roteiro

Agrícola na região de Marília, ambos formatados pela Coordenadoria de Turismo da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado.

Minas Gerais é o estado brasileiro que detém o maior número de empreendimentos voltados para atividades turísticas no espaço rural. Oferecendo um produto voltado para a tradição agropecuária, enriquecido pela arquitetura de suas antigas fazendas igrejas e monumentos, serras, cachoeiras e muitos outros atrativos que disponibilizam um grande número de opções.

Em diversos municípios, como Maria da Fé, Cruzília, Extrema, Santana dos Montes, Jaboticatubas, Tiradentes, Barbacena, Divinópolis, Itapeçerica, Carandaí, Congonhas, Ravena, Pedro Leopoldo, Itapeva e Delfim Moreira, podem ser encontrados vários empreendimentos, ofertando diferentes produtos turísticos tais como o cotidiano agropecuário, cavalgada ecológica, grandes empreendimentos voltados para convenções, estética e lazer. Contudo, nos grandes empreendimentos hoteleiros, a realidade e cotidiano do campo são oferecidos apenas como mais um produto turístico.

Em Minas já existem algumas associações representativas do TER, como a AMETUR (Associação Mineira de Turismo Rural) e a Astral (Associação Sulmineira de Turismo Rural), entre outras.

Em Pernambuco, há cerca de cinco anos, surgiram os primeiros empreendimentos, no município de Garanhuns. Atualmente, está sendo implantado o “Roteiro dos Engenhos”, que congrega algumas antigas propriedades agrícolas, com bela arquitetura, produtoras de cana-de-açúcar e aguardente .

O Espírito Santo apresenta especial aptidão para as atividades turísticas no espaço rural voltadas para a valorização do cotidiano produtivo das propriedades agrícolas, principalmente nos municípios de Afonso Cláudio, Venda Nova do Imigrante. Neste Estado, existe uma associação representativa constituída, a AGROTUR e uma proposta governamental para o fomento da atividade, denominada “Proposta Piloto do Programa do Agroturismo”, desde 1990.

O Rio de Janeiro apresenta um grande potencial para a atividade turística no espaço rural, graças à rica tradição regional, belezas naturais e antigas fazendas. Este conjunto propicia ao turista momentos de descanso, lazer e reconhecimento do cotidiano das

propriedades, principalmente nas regiões serranas, como no município de Nova Friburgo na região serrana e em Vassouras, onde existe a “Rota do Café”.

Nesse estado não existe nenhuma associação representativa ou política de apoio ao desenvolvimento das atividades turísticas no espaço rural.

No Mato Grosso do Sul, desenvolvem-se atividades voltadas à visitação ecológica e ambiental nas regiões próximas a Campo Grande e o Pantanal, em propriedades rurais particulares, que oferecem hospedagem, alimentação, programas de pesca, “tours” a cavalos ou de carro, safáris fotográficos, churrascos tipo pantaneiro e excursões pela mata. Nesse estado, existe a Sociedade Guaikuru de Desenvolvimento Para o Turismo Rural, em Campo Grande.

Na Bahia, a partir de 1999, o SEBRAE, em parceria com o governo do Estado e universidades estaduais, vem promovendo alguns planos de desenvolvimento regional. Entre eles, a “Rota do Cacau”, que congrega alguns municípios cacauzeiros, com antigas fazendas de grande beleza e riqueza arquitetônica, proporcionando ao turista, hospedagem, alimentação, dia de campo e lazer. É possível reconhecer atividades de TER, nas regiões de Ilhéus, Itabuna, Chapada Diamantina e na periferia de Salvador.

Nos estados de Goiás, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Amazonas, existem alguns empreendimentos voltados para o TER, tanto para o TR, como para outras modalidades. Contudo, não há políticas de incentivo ou propostas significativas, pelo menos até 1999, data em que estas informações foram coletadas.

No Distrito Federal, na periferia de Brasília, existem restaurantes rurais e propriedades que oferecem ao turista a oportunidade de passar o dia na roça, conhecer o cotidiano produtivo e comprar os produtos regionais. Tais empreendimentos têm o apoio do SEBRAE e do Sindicato Rural.

Alguns empreendimentos de TER em diversos estados brasileiros serão destacados no Quadro 1.

QUADRO 1- Algumas iniciativas de turismo no espaço rural brasileiro

ESTADO	INICIATIVA	DESCRIÇÃO
Bahia		
	Fazenda Tororomba Costa do Cacau	Hospedagem, alimentação, trilhas e cavalgadas
	Fazenda Primavera Costa do Cacau	Centenária fazenda que oferece o dia de campo, alimentação
	Fazenda Santa Cruz Costa do Cacau	Dia de campo, alimentação e pescaria
	Fazenda Ardenas Costa do Cacau	Dia de campo, alimentação, cavalgadas e produtos da roça.
	Fazenda Santo Antonio Costa do Cacau	Dia de campo, lazer, alimentação e pescaria.
	Fazenda Vida Costa do Cacau	Voltada para o esoterismo, hospedagem e alimentação.
	Fazenda Villa de São José Costa do Cacau	Hospedagem, alimentação e trilhas ecológicas
	Fazenda Boa Esperança Costa do Cacau	Alimentação, dia de campo e lazer
	Fazenda Rainha do Sul Costa do Cacau	Hospedagem, alimentação, trilhas, lazer e festas típicas
	Fazenda Alto da Esperança Costa do Cacau	Dia de campo e alimentação
	Fazenda Amendoeira Costa do Descobrimento	Hospedagem, alimentação, trilhas e esportes náuticos
	Fazenda Candéal Recôncavo	Hospedagem, alimentação, trilhas ecológicas e projeto pedagógico
	Fazenda Silveira Recôncavo	Dia de campo e alimentação
	Fazenda Cipó Recôncavo	Hospedagem, alimentação, pesca e trilhas ecológicas
	Fazenda Paradiese Recôncavo	Hospedagem, alimentação, trilhas e aulas de educação ambiental.
	Hotel Fazenda do Coronel Recôncavo	Hospedagem, alimentação e cavalgadas
	Hotel Vale do Jequiçá Recôncavo	Hospedagem, alimentação, cavalgadas e charretes
	Fazenda Guimarães Recôncavo	Hospedagem, alimentação e passeios educacionais
	Fazenda Chamego Costa do Coqueiro	Dia de campo, hospedagem e alimentação
	Fazenda Sítio do Meio Costa do Coqueiro	Promove eventos culturais, hospedagem, alimentação e trilhas

		ecológicas
	Fazenda Carvalho Costa do Coqueiro	Dia de campo, hospedagem e alimentação
		“...continua...”
Distrito Federal		
	Agroturismo Buriti Alegre	Almoço na roça, projeto agrociência, cavalgadas, trilhas
	Agroturismo Flórida Planaltina	Café colonial, safári ecológico
	Agroturismo JK Tabatinga	Dia na roça, cavalgada, pesque- pague
	Fazenda Indaiá Sobradinho	Café ou almoço na roça. Progamação para escolas
	Restaurante Rural Trem da Serra	Alimentação, reconhecimento do cotidiano da roça
Espírito Santo		
	Família Altoe Venda Nova do Imigrante	Agroturismo, produtos da roça
	Família Sossai Altoe Venda Nova do Imigrante	Agroturismo, produtos da roça, fabricação de aguardente
	Produtos Naturais Buzato Venda Nova do Imigrante	Produtos da roça
	Produtos Carnielli Venda Nova do Imigrante	Agroturismo, produtos da roça
	Pousada Eco da Floresta	Hospedagem, alimentação, trilhas, cavalgadas e salão de convenções
	Sítio Arcobaleno Venda Nova do Imigrante	Hospedagem, alimentação, lazer, produtos da roça
Goiás		
	Fazenda Mestre D'Armas Padre Bernado	Alimentação, cavalgadas, trilhas, eventos, hospedagem.
	Hotel Fazenda Cabana dos Pirineus Corumbá de Goiás	Hospedagem, alimentação, pesca, cavalgadas, trilhas
	Pousada Recanto Goiano Corumbá de Goiás	Hospedagem, alimentação, trilha
Minas Gerais		
	Estalagem Fazenda Lazer Carandaí	Situada no sopé de uma mata nativa, oferece lazer, conforto e aconchego
	Fazenda Boa Esperança- Florestal	Propriedade rural em plena atividade, hospedagem, comida típica e produtos da fazenda
	Fazenda de Lazer Canto da Siriema Jaboticatubas	Infra-estrutura completa para hospedagem, leite no curral, cavalgadas e passeio de charretes
	Fazenda do Engenho Carrancas	Antiga fazenda, hospedagem, caminhadas, alimentação, participação do cotidiano da roça
	Fazenda Novo Horizonte Carmo do Rio Claro	Tropeirismo
		“ ... continua...”
	Fazenda Pomária Maria da Fé	Hospedagem, cotidiano da roça, eventos culturais, festas típicas e alimentação
	Hotel Fazenda Álamo	Hospedagem, restaurante, lazer,

	Campo Belo	pescaria e cavalgadas
	Pedra do Sino Spa e Hotel Fazenda Carandaí	Autêntica fazenda produtiva, trilhas, caminhadas, mountain bike e gastronomia típica
	Pesqueiro e Restaurante Trutaria Delfim Moreira	Pescaria, lazer e alimentação
	Pesqueiro e Restaurante Boa Vista Delfim Moreira	Pescaria, lazer e alimentação
	Pesqueiro e Restaurante Rio Comprido Delfim Moreira	Pescaria, lazer e alimentação
	Pesqueiro e Restaurante Tô Atoa Delfim Moreira	Pescaria, lazer e alimentação
	Planalto do Jaguará Fazenda de Lazer Matozinho	Autêntica fazenda mineira, que oferece contato com a natureza, ar puro, gastronomia típica
	Pousada Alegria Delfim Moreira	Hospedagem, alimentação e lazer
	Pousada dos Lobos Itamonte	Colônia de férias
	Recanto Fonda Distrito de Ravena	Hospedagem, trilhas, riachos, cavalgada, pesca, gastronomia e centro de convenções
Paraná		
	Hotel Fazenda Quinta de Bocaiúvas / Círculo Italiano Colombo	Belezas naturais, reconhecimento do cotidiano produtivo agrícola, hospedagem e alimentação.
	Hotel Estância Betânia	Hospedagem, alimentação, lazer, pescarias e eventos
Rio de Janeiro		
	Centro Marista Fazenda São José das Paineiras Mendes	Hospedagem, alimentação e trilhas ecológicas
	Hotel Fazenda Vale dos Burlein Cachoeira de Macau	Hospedagem, alimentação, trilhas, cachoeiras
	Pousada Cabana do Bosque Cachoeira de Macau	Hospedagem, alimentação, trilhas, pesca no rio
Rio Grande do Sul		
	Fazenda Modelo Restinga Seca	Dia no campo, alimentação, produtos da fazenda e trilhas ecológicas
		“...continua...”
	Quinta da Estância Grande Viamão	Projetos educacionais e ambientais
Santa Catarina		
	Fazenda São Pedro Rancho Queimado	Cavalgadas e produtos da roça
	Pousada Vinícola Mazon Urussanga	Hospedagem, alimentação e lazer
	Pesque-Pague Rio Bonito Rancho Queimado	Pescaria, outras formas de lazer e refeição
	Recanto de Encantos Rancho Queimado	Acolhimento na colônia, participação no cotidiano produtivo,

		venda de produtos coloniais, alimentação
	Estrada Bonita Joinville	Várias empreendimentos turísticos como belezas naturais, reconhecimento do cotidiano produtivo agrícola, produtos regionais
São Paulo		
	Fazenda Ambiental Águas Claras Itapira	Hospedagem, alimentação, artesanato, cursos, educação ambiental e cotidiano da roça
	Fazenda Boa Vista Bananal	Hospedagem, alimentação, arquitetura de época e lazer
	Fazenda Dias Itapeçerica da Serra	Projetos educacionais e recreação
	Fazenda dos Coqueiros Bananal	Escola-turismo, turismo de terceira idade e vivências psicológicas
	Fazenda do Aterrado Angatuba	Tradicional fazenda do interior paulista, oferece hospedagem, alimentação, cavalgadas, trilhas
	Fazenda Independência	Hospedagem, dia de campo, participar do cotidiano agropecuário e lazer
	Fazenda Santo Antônio São Pedro	Aluguel de casas para a temporada
	Fazenda São João da Figueira	Dia de campo, passeio a cavalo, alimentação e recreação infantil.
	Fazenda São Roberto São Carlos	Oferece dia no campo, a história do café, passeio a cavalo e charrete, visita a criação e agricultura, trilhas
	Hotel Fazenda Grenn São Pedro	Hospedagem, alimentação e lazer

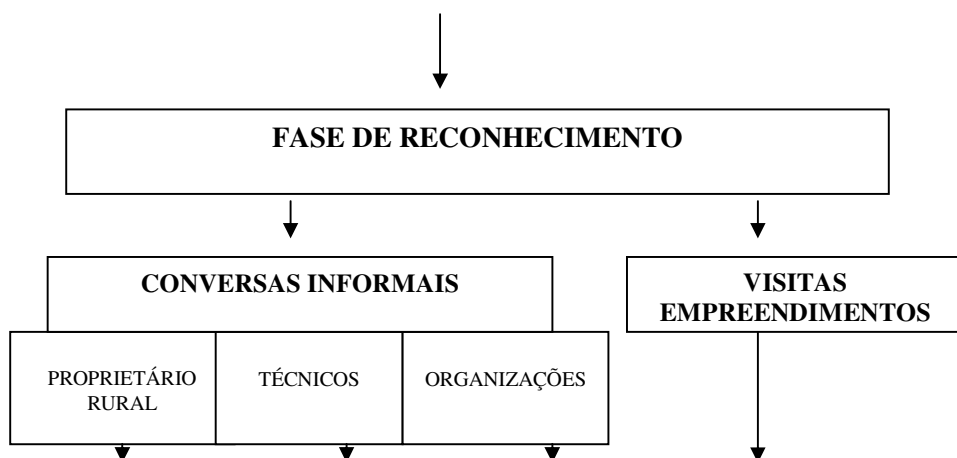
Fonte: Dados de pesquisa

3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa partiu de um reconhecimento exploratório, acreditando que ele permitiria formular uma primeira visão da realidade a ser estudada. Nesta fase, foram realizados contatos informais com proprietários rurais, empreendedores, profissionais que atuam no setor e representantes de organizações como a AMETUR, EMATER e AMO-TE, além de visitas a propriedades rurais, sempre procurando abordar temas relacionados com o estudo.

Após este reconhecimento inicial, identificou-se o objeto e os objetivos da pesquisa, e foi definida a metodologia a ser adotada. Foi dividida e elaborada a revisão de literatura, que serviu de base para a redação do segundo capítulo deste trabalho e forneceu as orientações teóricas para a elaboração do instrumento de coleta dos dados. Em um segundo momento, foram coletados os dados em campo e procedeu-se à compilação, interpretação de todas estas informações analisadas à luz do referencial teórico, culminando na elaboração das conclusões a serem apresentadas (Figura 4). Estes diferentes momentos serão descritos a seguir.

ESCOLHA DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL COMO TEMA DE PESQUISA



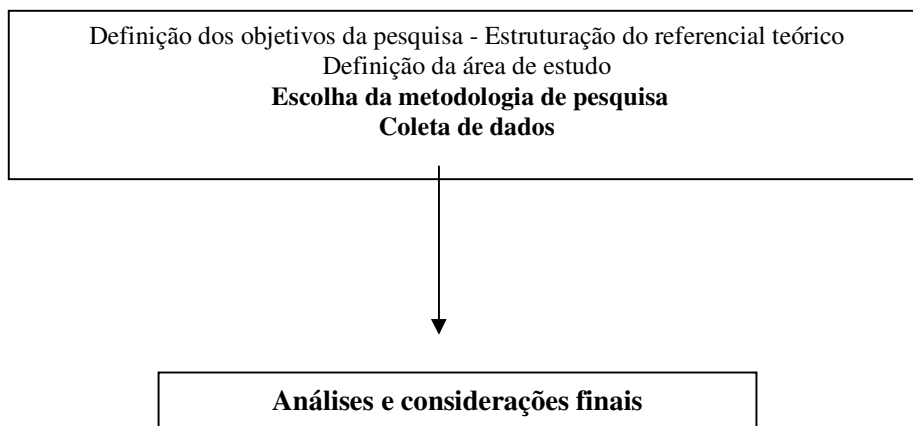


FIGURA 4- Desenvolvimento da pesquisa

3.1 Objeto e objetivos da pesquisa

A presente pesquisa objetiva identificar a trajetória das atividades turísticas no espaço rural mineiro, suas diferentes tipologias, seu processo de construção e desenvolvimento. Pretendeu também reconhecer as tradições que regem a vida rural e analisar se a manutenção delas é condição fundamental para o desenvolvimento do TER ou dificulta o processo.

Procurou-se delinear a realidade da atividade turística, identificar a possibilidade de coexistência com as práticas agropecuárias cotidianas, qualificar e quantificar os diferentes atores envolvidos e compreender o modo como eles interpretam e participam do contexto do TER, considerando os aspectos culturais, econômicos e ambientais da região em estudo.

Procurou-se também identificar se as atividades turísticas no espaço rural apresentam-se como alternativa econômica para o desenvolvimento regional.

Entende-se, a princípio, neste trabalho, que, evidenciando a trajetória do TER e reconhecendo o contexto em que se insere, é possível contribuir para equacionar o presente estado das atividades turísticas rurais, mapear e analisar suas condições de desenvolvimento. Isto permitiria a elaboração de comunicações que poderiam auxiliar as tomadas de decisões e fornecer subsídios que direcionem as novas políticas públicas adequadas à realidade.

3.2 Definição da metodologia de pesquisa

Optou-se por adotar uma metodologia múltipla, conhecida como triangulação, combinando métodos qualitativos e quantitativos, o que permite, segundo Trivinos (1987) e Alencar e Gomes (1998), um aprofundamento sobre o tema investigado, detectando tanto a dimensão manifesta quanto a não manifesta de um dado fenômeno social. Espera-se, com isso, obter informações relevantes para a compreensão do turismo no espaço rural da mesorregião sul e sudoeste de Minas.

Em decorrência desta opção metodológica, o levantamento de campo foi realizado por meio de questionários semi-estruturados que possibilitam a produção de estatísticas sobre a realidade estudada, bem como o fornecimento de detalhes intrincados que são difíceis de serem captados por outros métodos (Jones, 1993).

O procedimento adotado para realizar o levantamento de campo foi semelhante ao utilizado no método *survey*. Neste método, as informações são coletadas junto a uma amostra da população a ser estudada por meio questionários aplicados diretamente (contato face a face ou telefone) ou indiretamente, por correspondência enviada pelo correio e internet (Flowier Jr.,1993).

Segundo Sudan e Bradburn (1983), os questionários não devem ser extensos, porém, apropriados aos objetivos da pesquisa, contendo questões estruturadas e/ou semi-estruturadas, formuladas considerando a natureza das variáveis a serem estudadas e a forma como serão ministrados.

Complementando o levantamento de campo, foram adotados também, como métodos de pesquisa, a entrevista não estruturada e a história da vida. A entrevista não estruturada é o método de coleta de informações mais utilizado nas pesquisa qualitativas e empregadas para identificar o significado das ações relacionadas com o tema estudado. Este tipo de entrevista é recomendado para situações em que o pesquisador deseja conhecer as opiniões e idéias do entrevistado sobre um dado fenômeno (Alencar e Gomes, 1998).

A história da vida foi utilizada neste estudo como um método de investigação complementar. Segundo Queiroz (1988), este método é empregado com o objetivo de captar o relato dos entrevistados sobre suas experiências através do tempo e reconstruir os

acontecimentos vivenciados, relacionando-os com o foco de estudo. Por essa razão, Haguette (1987) considera que a história da vida oferece contribuições específicas e enriquecedoras para as pesquisas científicas.

Recorreu-se à triangulação de métodos para permitir que as informações fossem abordadas na perspectiva interpretativa, seguindo os preceitos descritos por Santo (1992) e Stake (1994).

Estes autores consideram a validação qualitativa cruzada uma forma de avaliar dados provenientes de fontes múltiplas ou múltiplos procedimentos de coleta.

Faz-se necessário comentar que existe outra dimensão de triangulação referenciada por Trivinos (1987) e, em outros trabalhos científicos, que pode gerar o não entendimento da perspectiva adotada na pesquisa. Mas, independente da dimensão adotada, há um ponto de convergência entre todos, no que diz respeito à importância de utilização das fontes trianguladas, que detêm diferentes variações, diferentes forças e complementam-se mutuamente.

3.3 Área de estudo

Estabeleceu-se a área de estudo desta pesquisa como sendo a mesorregião sul e sudoeste do Estado de Minas Gerais (Figura 5). A qualificação seguiu um critério de distribuição espacial político-administrativa, motivada pela conveniência da localização geográfica e informações coletadas nos contatos informais introdutórios, que a identificaram como sendo a região que detém maior número de propriedades e localidades envolvidas com as atividades turísticas no espaço rural do Estado.

FIGURA 5 – Mesorregião de planejamento do estado de Minas Gerais

3.4 Trabalho em campo

O trabalho de campo iniciou-se em junho de 1998 e foi finalizado no mês de setembro de 1999. O primeiro momento correspondeu à coleta efetiva de dados, fazendo um levantamento de campo por meio de questionários semi-estruturados. Foram elaborados três diferentes questionários, intitulados “*Questionários Para o Banco de Dados do Turismo no Espaço Rural Mineiro*”, dirigidos aos representantes da população analisada, constituída por proprietários rurais e empreendedores das atividades turísticas no espaço rural do sul e sudoeste do estado de Minas Gerais, sem distinção de tamanho de área ou mesmo tipologia das atividade turística (Anexo A); a organizações, governamentais ou não governamentais (Anexo B) e técnicos diretamente envolvidos com as atividades do TER (Anexo C). Foram enviados 150 questionários, sendo 50 para organizações, 50 para proprietários e 50 para técnicos.

Objetivando informar a todos sobre a natureza da pesquisa, os pesquisadores envolvidos, a instituição de ensino a qual está vinculada e a importância da participação do entrevistado, foi anexado ao questionário uma carta de esclarecimento.

Nesta fase, devido à dificuldade de identificação dos membros da população analisada, de seus endereços para correspondência, e-mails ou números de telefone, recorreu-se à identificação deles por meio das informações coletadas junto a meios de

comunicação, folhetos promocionais, associações e eventos como o Congresso Brasileiro de Turismo Rural, congressos e encontros regionais.

Também foram realizados contatos com o Fórum Permanente de Turismo Rural em Belo Horizonte, grupo que reúne entidades representativas do setor público e privado, entre elas AGTURB, ALMG, AMETUR, AMO-TE, AMPAQ, BDMG, BELOTUR, BN, DER/MG, EMATER, FAEMG FEDERAMINAS, FIEMG, IBAMA, IEF, IGA e INDI. Nestas oportunidades, foi apresentado o projeto, discutiu-se a importância do levantamento de dados sobre as atividades turísticas no espaço rural mineiro e foram aplicados os questionários a todos os membros presentes.

O projeto foi apresentado, em outras oportunidades, à coordenação da EMATER-MG, ao grupo gestor do Congresso Brasileiro de Turismo Rural, a ASTRAL e prefeituras municipais, sempre com o intuito de identificar membros da população a ser analisada e distribuir questionários.

Ao fim dessa fase, foi feito o monitoramento do retorno dos questionários e privilegiou-se a catalogação dos dados cadastrais neles coletados.

A segunda etapa do trabalho ocorreu de outubro a dezembro de 1999, quando recorreu-se ao método de coleta de informações por entrevistas não-estruturadas, realizadas em contatos pessoais, individuais e orais. Estas entrevistas foram gravadas em fitas magnéticas e posteriormente transcritas *ipsis verbis*.

As entrevistas foram planejadas e programadas considerando o problema de pesquisa apresentado, a base teórica construída e as respostas coletadas nos questionários. Os tópicos abordaram temas estruturais de pesquisa voltados à tradição agropecuária do espaço rural, o desenvolvimento da atividade turística neste meio, inter-relações entre as tradições rurais e as atividades turísticas.

Optou-se por entrevistar o maior número possível de agentes catalogados no primeiro momento da pesquisa (Anexo D), com a preocupação de obter importantes relatos. Foram entrevistados sete proprietários rurais, que atuam como empreendedores do turismo e dez técnicos representantes de diversas organizações.

4. RESPOSTAS AOS NOSSOS POR QUÊS...

Nem sempre entendemos o que enxergamos.

(Sabedoria popular)

Com base na análise dos fatos históricos e demais dados coletados, reconhece-se que o espaço rural do sul e sudoeste mineiro tradicionalmente tem na produção agropecuária, sua principal atividade econômica, desde o processo de sua formação.

As primeiras propriedades rurais produtivas datam do século XVII, descritas nos relatos de Saint-Hilaire (1974), “o grande viajante das Gerais”, como pequenas propriedades rurais isoladas, que cultivavam arroz, feijão e mandioca para sobrevivência ou voltadas para pecuária de corte e leite, que abasteciam o entorno e sesmarias do Rio de Janeiro e São Paulo. Já no século XIX, a região tinha quase a totalidade de sua área rural voltada para o cultivo do café, inicialmente com a produção destinada para o consumo da propriedade, ampliando-se paulatinamente para o atendimento da demanda local e demanda internacional. Nos dias atuais, é uma das principais regiões agroprodutoras do estado (Quadro 2).

QUADRO 2 Valor em reais da produção animal, vegetal e total de Minas Gerais, por mesorregião, 1995-1996

Mesorregião	Produção animal	Produção vegetal	Total
Sul/Sudoeste	448.999	1.010.062	1.459.061
Campo das Vertentes	92.910	96.182	189.092
Central Mineira	165.597	114.802	280.399
Jequitinhonha	68.931	94.347	163.278
Metropolitana B.H	275.572	182.056	457.628
Noroeste de Minas	131.676	245.542	377.200
Norte de Minas	171.115	191.935	363.050

Triângulo A Paranaíba	657.146	872.606	1.529.752
Oeste de Minas	227.470	199.112	426.528
Vale do Mucuri	84.564	31.334	115.898
Vale do Rio Doce	189.124	200.300	389.424
Zona da Mata	280.144	377.579	657.723
Total	2.793.248	3.615.839	6.409.087

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 1995

Entretanto, analisa-se a dinâmica de ocupação da população rural do sul e sudoeste mineiro, mesmo com o cotidiano tão voltado para a realidade agropecuária, e observam-se elevados índices de ocupação não-agrícola. Muitos dos membros da unidade familiar, a forma mais representativa da estrutura agrária da região, ocupam-se não só dos serviços agropecuários, mas de outras atividades produtivas, como identificado nos relatos que se seguem:

"Eu moro aqui na roça, gerencio todo o cotidiano e sou funcionário público. Trabalho como fiscal da prefeitura." (Entrevistado P – Proprietário rural)

"Eu comecei fazendo farinha de mandioca. Embalava e vendia. Depois, eu resolvi fazer doce que também embalava e vendia diretamente. Agora eu estou tentando trazer meu consumidor para dentro da propriedade. Tem muita gente que gosta de ver aqueles tachos enormes de doce cozinhando, a goiaba sendo colhida e amassada. Meu problema ainda é como formalizar esta atividade. Para comercializar doce eu já tenho a licença, mas ainda não sei como resolver para receber turista" (Entrevistado D – Proprietário rural).

"Minha esposa dá aula na escola municipal da cidade e vem todo dia para a fazenda" (Entrevistado Z - Proprietário rural).

Entre todas as novas atividades produtivas desenvolvidas no local analisado, aquelas voltadas para o lazer e o turismo vêm despontando como nova realidade. É possível comprovar tal fato em vários depoimentos coletados durante esta pesquisa.

"Durante muitos anos, eu fui ao campo como extensionista e via planta, vaca, tratores e colheitadeiras. De uns anos para cá, estou vendo turista, abrindo pesque-pague. No começo, achei muito estranho, hoje estou procurando entender este novo momento..." (Entrevistada A- técnica).

“ Eu abri uma lanchonete na beira da estrada em 1991. O pessoal parava lá, comia o queijo da fazenda e levava o café torrado na hora. Depois achei que seria um novo atrativo, deixar o pessoal ir passear ali perto do lago e ver os bezerrinhos. De lá para cá, construí esta pousada aqui na fazenda”(Entrevistado T- Proprietário rural).

“ Eu achava muito duro a vida da minha mulher, indo e vindo da cidade todo o dia para dar aula. Depois que abrimos o hotel, ela fica aqui pela roça, cuida dos turistas, das refeições e só vai para a cidade quando precisa” (Entrevistado G – Proprietário rural).

“ Eu trabalho com terraplanagem e alugo maquinaria agrícola, além de ser produtor rural. Agora também tenho um pesque e pague e restaurante. Estou diversificando” (Entrevistado S- Proprietário rural).

“ É muito comum, na região identificar pequenos produtores fazendo geleia, queijo, aguardente, artefatos de couro e folha de bananeira para entregar em consignação no hotel-fazenda. De uma forma, estes também participam deste movimento turístico” (Entrevistado J – Técnico).

Vários são os empreendimentos turísticos desenvolvidos em propriedades rurais produtivas, nos diversos municípios do sul e sudoeste mineiro listados a seguir (Quadro 3).

QUADRO 3 Microrregiões e municípios do sul e sudoeste mineiro, que desenvolvem empreendimentos turísticos em seus espaços rurais, 2000.

MICRORREGIÕES	MUNICÍPIOS
Alfenas	Carmo do Rio Claro Alterosa Alfenas
Andrelândia	Passa Vinte Carvalhos Cruzília Andrelândia
Poços de Caldas	Poços de Caldas Caldas Andradas Ibitiúra de Minas Albertina Jacutinga Santa Rita de Caldas Monte Sião
São Lourenço	Passa Quatro Virgínia Itanhandu São Sebastião do Rio Verde Pouso Alto Itamonte Alagoa São Lourenço Cambuquira Caxambu
Itajubá	Delfim Moreira Itajubá Maria da Fé Cristina
Varginha	Três Corações Boa Esperança Três Pontas
São Sebastião do Paraíso	Guaxupé Itamogi
Santa Rita do Sapucaí	Pedralva São Sebastião da Bela Vista
Passos	Capetinga

	Cássia Capitólio Passos
Pouso Alegre	Extrema Camanducaia Pouso Alegre

Fonte: Dados de pesquisa

4.1 Origem do TER no sul e sudoeste mineiro

Tem-se notícia de empreendimentos turísticos em propriedades rurais da região há aproximadamente 15 anos, quando fazendas tradicionais abriram suas porteiras, inicialmente para a visitação e, posteriormente, para o pouso, conforme os relatos a seguir:

"Eu comecei há uns 15 anos, quando eu recebi um moço, que hoje não é mais nem hóspede e sim amigo" (Entrevistado A- Proprietário rural).

"Quando as meninas cresceram e foram estudar na cidade, este casarão ficou vazio, o leite tava dando pouco. Tudo isso junto fez eu resolver procurar renda no turismo." (Entrevistado A/ Proprietário rural).

Não se sabe ao certo se já existia alguma movimentação turística antes deste período, mas alguns registros históricos permitem resgatar a predisposição regional para tal.

Em tempos passados, quando os primeiros desbravadores chegaram às terras do " Sul da Gerais", eles as consideraram local propício para o pouso de grandes expedições que iam para os sertões. Não só pela posição geográfica estratégica, mas também por ser uma localidade de rara beleza, rica em fauna e flora, com abundância de alimento e água (Saint-Hilaire,1974).

Entretanto, dados coletados nesta pesquisa, e expressos no Quadro 4, indicam que o movimento turístico rural na mesorregião sul e sudoeste tomou impulso nos últimos anos, com um grande percentual de empreendimentos turísticos (35%), apresentando-se em estágio de implantação.

QUADRO 4 – Estágio de implantação dos empreendimentos turísticos no espaço rural catalogados na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais, 1999.

Estágio de implantação	Frequência (n)	% (n /N x 100)
Implantado	10	59
Implantado parcialmente, mas em funcionamento	6	35
Em implantação	1	6
TOTAL	17	100

N (número total de questionários avaliados) =17

Fonte: Dados da pesquisa

4.2 Como foi introduzido o TER, e quem foram seus percursores

Outro aspecto que merece consideração diz respeito a como foi introduzida a atividade turística no espaço rural do sul/sudoeste mineiro e quem foram seus percursores.

Conta-se que alguns produtores rurais da região, à procura de soluções que lhes permitissem enfrentar os problemas vivenciados pelo seu cotidiano produtivo como o aumento do custo de produção, a queda dos preços agrícolas, a migração de mão-de-obra para centros urbanos, entre outros, reconheceram nas atividades turísticas uma possibilidade a ser considerada.

Eles foram inspirados nos resultados alcançados por alguns empreendimentos turísticos em tradicionais fazendas no interior paulista, principalmente na região de Mocóca, que surgiram no início da década de 1980. Alguns dos proprietários rurais da região em estudo implantaram os primeiros empreendimentos turísticos em suas terras e transformaram-se assim nos pioneiros e visionários do turismo na região, como descrito em alguns relatos dos entrevistados:

"Na região de Mocóca existem belas fazendas que recebem visitantes para cavalgadas, colônia de férias, até aula de equitação para os meninos. E sabe que não largaram o leite não. Eu conheço uma que fui visitar na época que eu ia muito para aqueles lados lá do interior que, além do turismo, mantém um plantel leiteiro para exposição nenhuma botar defeito" (Entrevistado T / Proprietário rural).

"Tinha um primo meu, lá de São Paulo, que cada vez que aparecia aqui me atentava com a história de abrir um hotel e aproveitar estas cachoeiras" (Entrevistado A/ Proprietário rural).

"Tudo começou bem pequeno. E de lá para cá vem crescendo. No começo, só o pessoal daqui de casa trabalhava para atender o turista. Hoje já empregamos pessoal só para isso e tem muito vizinho nosso que também entrega os produtos deles aqui para vender e ganhar um dinheiro a mais" (Entrevistado- B / Proprietário rural).

"No começo, o visitante chegava na fazenda era recepcionado pela minha família, tomava um cafezinho e ia passear.. Quem queria andava a cavalo ou ia aprender a tirar leite da vaca e fazer o queijo, depois almoçava e ficava um pouco mais e ia embora. Depois, eles mesmo pediram para pousar lá. Então resolvemos abrir o hotel fazenda" (Entrevistado Sm / Proprietário rural).

Inicialmente, as idéias destes pioneiros foram vistas com desconfiança. Todavia, mais tarde, constituíram experiências fundamentais para o desenvolvimento do TER.

"Pode-se contar nos dedos os proprietários rurais que acreditaram que o turismo pudesse fazer parte de sua realidade. Mas, os que acreditaram deram um impulso inesperado para o movimento na atualidade" (Entrevistada C/ Técnica).

"Quando eu comecei ninguém dava nada pelas minhas idéias. Hoje tem muita gente aqui da região, que passa aqui em casa para saber minha opinião" (Entrevistado G - Proprietário rural).

É interessante ressaltar que todas as propriedades rurais que transformaram-se em propriedades pioneiras das atividades turísticas eram voltadas exclusivamente para a produção agropecuária e administradas pela família.

4.3 Modelo adotado

Ao analisar as atividades turísticas no espaço rural do sul e sudoeste de Minas Gerais, pode-se identificar que o modelo adotado nesta localidades assemelha-se muito àquele adotados em propriedades rurais francesas, voltadas para a realidade produtiva agropecuária, mas com peculiaridades e características próprias.

"Nós temos que procurar informações em lugares e países que já trabalham com o turismo em seus espaços rurais há mais tempo. Mas nós não podemos imitar, pois cada realidade é única" (Entrevistada S - Proprietária rural).

A área das propriedades envolvidas com o TER varia entre 2 ha a 100 ha no máximo. A atividade turística é gerenciada pela família, sendo as mulheres, na maioria das vezes, as responsáveis pela organização destas atividades, com os descendentes, iniciando-se na atividade e reconhecendo-a como uma possibilidade de emprego e renda.

4.4 Fatores que motivaram a implantação e o fortalecimento do TER

São reconhecidas diferentes motivações para a implantação das atividades turísticas no espaço rural no sul/sudoeste mineiro. A “aptidão regional”, fundamentada na beleza natural, na cultura, tradições e produtos típicos de origem local, como queijo, café e o artesanato, somada às dificuldades enfrentadas pelo setor agropecuário, foram fatores decisivos que motivaram a implantação das atividades turísticas em propriedades rurais, como descritas no Quadro 5.

QUADRO 5 Fatores que influenciaram a implantação e fortalecimento das atividades turísticas no espaço rural da mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais, segundo a perspectiva dos proprietários rurais entrevistados, 1999.

Fatores	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Aptidão regional	8	48
Dificuldades do setor agropecuário	4	24
Aproveitamento de instalações e infra- estrutura existente	4	24
Agregando valores	4	24
Surgimento de demanda	2	12
Localização próxima de cidades	1	6
Incentivo de organizações	1	6
Manter e preservar propriedade	1	6
Atividade fascinante e rentável	1	6
Baixo investimento inicial	1	6
Pioneirismo	1	6

N (número total de questionários avaliados) =17

Fonte: Dados da pesquisa

Estas informações também foram confirmadas durante as entrevistas em campo, transcritas a seguir:

"O setor agropecuário se encontra em dificuldades. É verdade, mas o turismo rural não é saída para todos os proprietários, nem resolve todos os problemas. Certamente eu acho uma boa atividade para alguns e em determinadas localidades" (Entrevistada A - Técnica).

"A aptidão regional, fundamentada nas belezas naturais e na tradição agropecuária foi que levou Maria da Fé, município considerado anteriormente um dos maiores pólos produtores de batata do estado, a se transformar no primeiro pólo turístico no espaço rural do sul/sudoeste mineiro" (Técnica A - 1 ° Congresso Brasileiro de Turismo Rural).

"Eu sempre morei em um lindo lugar, em uma casa acolhedora e sempre recebi muitos amigos que vinham visitar e ficavam para lanchar, comer meus famosos bolos e geléias. Eu tinha tudo na mão para receber o turista, por isso resolvi trabalhar também com o turismo"(Entrevistada L - Proprietária rural).

"Comida da roça, moda de viola, gente de bom coração. É muito fácil amar Maria da Fé " (Panfleto Turístico de Maria da Fé).

"Fazendeiros de Maria da Fé, pequeno município do Sul de Minas, abrem suas propriedades para turistas que procuram a tranqüilidade do campo" (Passo a Passo - SEBRAE).

Outros fatores de influência, apontados pelos entrevistados nos questionários e evidenciados nas entrevistas não-estruturadas, são: a “possibilidade de utilizar instalações e infra-estrutura já existentes na propriedades”, possibilitando a otimização dos espaços da propriedade e a possibilidade de agregação de valores aos produtos locais.

"Na maioria dos empreendimentos turísticos nesta região, há a possibilidade de não só experimentar a comida típica da roça, visitar os ranchos produtivos, como também levar para casa ou um bom queijo, um delicioso quitute, o café cheiroso do Sul de Minas e a cachaça"
(Entrevistada C - Proprietária rural).

A “proximidade dos grandes centros urbanos”, como garantia de demanda dos produtos turísticos e garantia de renda, mesmo que sazonalmente, desponta, segundo 6% dos entrevistados, como outro fator de influência regional.

"A proximidade dos grandes centros facilita a visita do turista de fim de semana ou do turista de um dia. Em localidades mais distantes, nas serras, no interior, há a necessidade de oferecer leitos para dormir, alimentação, café da manhã. Ou seja, dependendo do local, depende o que se deve oferecer, o melhor o que é fundamental oferecer"

(Entrevistada A – Técnica).

O incentivo de organizações governamentais e não governamentais como EMATER, SEBRAE, SENAC, SENAR, prefeituras, secretarias de turismo, também é citado na pesquisa. Contudo, algumas das declarações transcritas a seguir levam à constatação de que esse inter-relacionamento entre empreendedores, organizações e técnicos ainda apresenta-se em processo de construção e as formas de incentivo ainda não são identificadas claramente.

Acredita-se que falta uma definição nos papéis que devem ser assumidos por estes diferentes atores sociais.

"Quando comecei não foi porque tinha alguém falando ou dando curso. Eu comecei depois de muito pensar e ver quais eram as reais possibilidades. Mas caso apareça hoje alguém querendo falar ou explicar alguma coisa nova será muito bem recebido" (Entrevistado S - Proprietário rural).

"Hoje, depois do Conselho Municipal de Turismo, conseguimos muitas coisas, mas, quando abrimos o hotel-fazenda era nós e Deus." (Entrevistada C- Proprietária rural).

" Não encontrei apoio de ninguém não. Quando minha esposa foi na cidade, ela esteve no balcão do SEBRAE e lá pouco puderam nos ajudar. Agora, não sei não" (Entrevistado G -Proprietário rural).

E possível identificar várias organizações governamentais e não governamentais com projetos voltados para atividades turísticas no meio rural, como a EMATER, SEBRAE, SENAC. Há também várias prefeituras municipais interessadas no desenvolvimento regional pelo turismo, independente de ser voltado para atividades agropecuárias, ecoturismo e turismo cultural, entre outros. Mas, são as associações de empreendedores do turismo e proprietários rurais, como a AMETUR e ASTRAL, bem como os empreendedores que hoje atuam no sentido da regularização da atividade, na promoção de seu produto e procura por órgãos financiadores.

4.5 Os diferentes atores envolvidos com o TER

São reconhecidos diferentes atores sociais envolvidos com as atividades do TER. Identificam-se os empreendedores do turismo, os representantes da comunidade do entorno, técnicos de organizações governamentais ou não governamentais que atuam na região e os turistas.

4.5.1 Os empreendedores

Geralmente, os empreendedores do turismo rural na região são proprietários rurais típicos, isto é, tradicionais proprietários rurais envolvidos com as atividades agropecuárias que, juntamente com seus familiares, administram e recebem o turista, com variações, conforme o cotidiano de cada propriedade.

"Meu filho mais velho gosta da lida da roça e eu e minha esposa administramos o hotel" (Entrevistado A- Proprietário rural).

"Quem administra os negócios de receber visitantes, marcar e fazer reservas é meu genro e minha filha" (Entrevistado SA - Proprietário rural).

Relatos permitiram identificar outro grupo, também representante dos empreendedores do TER, formado por proprietários rurais residentes nos centros urbanos que ativaram pousadas rurais, pesqueiros, entre outras atividades de turismo e lazer em suas terras e delegaram a administração a terceiros.

“ Atualmente, eu moro em Belo Horizonte. Tenho um administrador na fazenda, que também controla o pesqueiro. Eu não posso largar meus pacientes de um dia para a noite, mas no futuro quem sabe” (Entrevistado T- Proprietário Rural)

Existe um terceiro grupo de empreendedores do turismo que retornaram à propriedade rural e iniciaram seus empreendimentos turísticos. Estes empreendedores buscam uma nova atividade econômica ao mesmo tempo que fogem do cotidiano do meio urbano e encontram a paz e segurança perdidas. Muitos dos empreendedores relacionados nesta pesquisa são oriundos deste grupo e reativaram ou estão reativando antigas propriedades rurais.

"Eu vivia na cidade, trabalhava com marketing e minha esposa era funcionária de banco. Faz dez anos que retornamos para esta fazenda que era do meu pai e comecei com este restaurante que vende tudo o que eu produzo na fazenda e quero ampliar. Já tenho um projeto de construir instalações para o pouso" (Entrevistado TC – Proprietário rural).

Ressalta-se que também foi identificada, no sul/sudoeste mineiro, uma nova categoria de proprietários/empreendedores do TER. Ela é constituída de típicos cidadãos urbanos que adquiriram propriedades rurais para iniciar seus empreendimentos turísticos, procurando fugir dos centros urbanos e começar novos rumos não reconhecidos em seu passado, voltados para a tradição da vida no campo.

"Eu coloquei todas as minhas reservas financeiras nesta fazenda, depois que eu me aposentei eu resolvi procurar minha tradição e uma melhor qualidade de vida no interior. Hoje meu hotel-fazenda começa a ter algum retorno e o leite produzido aqui já é totalmente beneficiado aqui mesmo. Vendo iogurte, queijos especiais e ricota. Hoje eu vivo”
(Entrevistada M- Proprietária rural).

"Eu nasci na cidade, mas sempre visitei meus tios no interior. Quando eu comprei esta propriedade depois que me aposentei me fez lembrar o gosto de minha infância. Eu não pretendo descaracterizar aquilo me é muito caro" (Entrevistado Q- Proprietário Rural).

Mas, a maioria dos empreendedores do TER entrevistados é de produtores rurais tradicionais, residentes na área rural, pertencentes ao tipo de família classificada como empregadora e que abriram suas propriedades para a visitação sem um planejamento prévio ou mesmo, entendimento do que vem a ser o turismo nas áreas rurais.

4.5.2 A comunidade

Quando iniciaram-se as atividades turísticas no espaço rural da região estudada, o envolvimento das comunidades do entorno dos empreendimentos era pequeno ou inexistente. As primeiras propriedades rurais que "abriram suas portas para o turista" assumiram um caráter solitário, estabelecendo tênues laços de relacionamento com as pequenas explorações agrícolas e comunidade local. Essa falta de articulação entre as comunidades locais e os empreendimentos turísticos impossibilitava um planejamento integrado e o desenvolvimento de ambos.

Nos dias atuais, o TER é uma nova atividade inserida na realidade regional, relacionando-se com a comunidade em que atuam como parceiros. Essa situação pode ser constatada em alguns relatos de entrevistas:

"Quando surgiram os primeiros empreendimentos turísticos no campo, muitos empresários acreditaram que construindo belas instalações e abrindo para o público, o sucesso estava garantido. Mas, na verdade, o que adiantaria toda esta instalação se aquela região não podia ofertar mais nada do que isso. Hoje, eu procuro mostrar para quem nos procura, que o caminho está na integração da região. A cidade de Maria da Fé é a prova viva do que falo" (Técnica J - 1º Fórum Mineiro de Turismo Rural / Belo Horizonte).

"Da estrada pavimentada até meu hotel-fazenda, todo mundo, de alguma forma, está envolvido na proposta de desenvolvimento do turismo rural. Uma produz queijo e vende para o hóspede, o outro faz belos vasos de barro, uma oferece passeios e cavalgadas e assim nós vamos construindo um futuro para a região" (Entrevistada S – Proprietária rural).

"Hoje, o pessoal do sítio aqui do lado, que produz mel, entrega uma parte para vender aqui no hotel. A Dona Zéfa, do sítio ali de cima, faz um queijo maravilhoso, que os clientes adoram. Todos estamos conseguindo trabalhar juntos e meu lugar aqui (minha região), tá ficando mais bonita, mais bem tratada" (Entrevistado D - Proprietário Rural).

"Antigamente eu fazia minhas tortas de banana, maçã e outras tantas, para o pessoal lá de casa. Depois que eles abriram este negócio aqui, eu entrego toda semana torta e toda semana eles querem mais"

(Entrevistada SG - Membro da comunidade local).

Segundo dados compilados nesta pesquisa (Quadro 6), 76% dos proprietários/empreendedores entrevistados acreditam que já existe efetiva participação da comunidade regional, que é considerada elemento fundamental de apoio e incentivo para o desenvolvimento das atividades turísticas na região.

QUADRO 6 - Percentual de apoio da comunidade local aos empreendimentos turísticos no espaço rural na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais, segundo a perspectiva dos proprietários rurais e empreendedores do turismo entrevistados, 1999.

Respostas	Freqüência (n)	(%) (n /N x 100)
Sim	13	76
Não	3	18
Outras (futuramente)	1	6
Total	17	100

N (número total de questionários avaliados) =17

Fonte: Dados da pesquisa

É possível identificar algumas formas de apoio, relacionamentos e incentivos da comunidade regional com os empreendimentos na região estudada. Essa participação pode ser clientes, freqüentadores do empreendimento e divulgadores, segundo 46% dos entrevistados. Eles também participam de associações, envolvendo-se com conselhos municipais de turismo, desenvolvendo e “criando produtos turísticos” como o artesanato, cavalgadas e romarias, entre outros (Quadro 7).

QUADRO 7- Formas de relacionamento e incentivo da comunidade local com os empreendimentos turísticos no espaço rural na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais, segundo a perspectiva dos proprietários rurais e empreendedores do turismo, 1999.

Formas	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Freqüentando o empreendimento	7	41
Divulgando	3	18
Criando e/ou participando de associações	3	18
Criando atrativos turísticos: artesanato , cavalgadas, outros.	2	12
Fornecendo mão –de- obra	1	6
Financiando os empreendimentos	1	6
Conscientizando outros membros da comunidade sobre os benefícios do turismo	1	6
Branco	1	6
TOTAL DE RESPOSTAS	19	-

N (número total de questionários avaliados) = 17

Fonte: Dados da pesquisa

4.5.3 Os técnicos

Quando surgiram os primeiros empreendimentos de TER, não existiam profissionais para oferecer suporte técnico ao seu planejamento e implantação. Esta situação vem mudando nos últimos cinco anos e, na atualidade, encontramos profissionais atuando em vários segmentos.

Segundo a perspectiva dos técnicos entrevistados, eles podem atuar planejando e avaliando os empreendimentos como extensionistas, consultores, desenvolvendo projetos, capacitando e treinando mão-de-obra, coordenando atividades elucidativas, produzindo material didático, promovendo cursos, identificando oportunidades, atraindo investimentos e divulgando as atividades turísticas no meio rural (Quadro 8).

QUADRO-8 Áreas de atuação dos técnicos envolvidos com as atividades turísticas no espaço rural, segundo a perspectiva dos técnicos entrevistados, 1999.

Tipologias	Frequência (n)	(%) (n / N x 100)
Extensão	15	50
Consultoria	9	30
Desenvolvimento de projetos	9	30
Planejamento	8	53
Palestras e seminários	4	13
Treinamentos e capacitação	2	7
Promoção e divulgação	1	3
Produção de material didático (Fitas de vídeo, etc.)	1	3
Pesquisa	1	3
TOTAL	50	-

N (número total de questionários avaliados) = 30

Fonte: Dados da pesquisa

4.5.4 As organizações governamentais e não governamentais

Ao contrário do que muitos imaginam, nenhuma organização fomentou o surgimento do TER na região estudada. Para os entrevistados, foram iniciativas particulares de proprietários rurais da região que deram impulso à atividade.

Segundo os proprietários/empreendedores entrevistados, foi somente nos últimos anos que as organizações governamentais e não governamentais voltaram a sua atenção para a atividade.

"Quando eu comecei não existia interesse nem apoio de ninguém, muito menos do pessoal da prefeitura. Hoje tudo mudou e não há prefeito que não goste de ter sua cidade chamada de cidade de potencial turístico "
(Entrevistado G - Proprietário rural).

"O turismo rural gera rendas para o município. Mas precisamos que os olhos governamentais se voltem para o Sul de Minas, pois é necessário lembrar que a infra-estrutura básica como manutenção de estradas de acesso é fundamental para a consolidação desta atividade" (Entrevistado P - Proprietário rural).

Na época da coleta de dados, 59% dos proprietários empreendedores entrevistados afirmaram que não existiu nenhuma forma de apoio ou incentivo por parte de organizações governamentais ou não governamentais (Quadro 9).

QUADRO 9 - Apoio de organizações governamentais e/ou não governamentais para os empreendimentos turísticos no espaço rural na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais, segundo os proprietários, 1999.

Resposta	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Sim		41
Não	10	59
TOTAL	17	100

N (número total de questionários avaliados)=17

Fonte: Dados da pesquisa

Os entrevistados que responderam positivamente (41%) à questão, citaram algumas organizações cujo trabalho na região eles consideram relevante, principalmente na identificação de potencialidades e planejamento. As organizações estão relacionadas no Quadro 10.

QUADRO 10 Organizações governamentais e/ou não governamentais que apóiam os empreendimentos turísticos no espaço rural na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais, segundo os proprietários, 1999.

ASTRAL – Associação Sul Mineira de Turismo Rural
Associação de Carmo do Rio Claro
Conselho das Terras Altas da Mantiqueira
Prefeituras Municipais de Maria da Fé/ Delfim Moreira
SEBRAE
SENAC

Fonte: Dados da pesquisa

Em contrapartida, quase a totalidade dos técnicos entrevistados (90%) reconheceu alguma forma de apoio ou projetos voltados para atividades turísticas no espaço rural (Quadro 11).

QUADRO - 11 Reconhecimento da existência de projetos de turismo no espaço rural, apoiados pelas organizações governamentais e /ou não

governamentais, em Minas Gerais, segundo os técnicos entrevistados, 1999.

Respostas	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Sim	27	90
Não	03	10
TOTAL	30	100

N(número total de questionários avaliados) = 30

Fonte: Dados da pesquisa

As informações coletadas junto a esses técnicos também permitiram a identificação das principais propostas de atuação assumidas pelas organizações, tais como: a) elaborando, planejando e coordenando eventos; b) promovendo seminários; c) fornecendo assistência técnica e identificando a aptidão regional (Quadro 12).

QUADRO- 12 Forma de apoio das organizações governamentais e /ou não governamentais aos empreendimentos turísticos no espaço rural em Minas Gerais, segundo os técnicos entrevistados, 1999.

Respostas	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Elaborando, planejando e coordenando projetos	11	37
Promovendo seminários, eventos, cursos e palestras	11	37
Assistência técnica	6	20

Identificando e diagnosticando regiões com aptidão turística	4	13
Não responderam	2	7
Elaborando e implementado (política estadual de turismo)	1	3
Suporte administrativo para associações	1	3
Divulgando e promovendo	1	3
Participando de conselhos municipais de turismo	1	3
Fomentando e atraindo investimentos	1	3
Criando oportunidades/valorizando artesanato regional	1	3
Promovendo o programa de turismo competente	1	3
TOTAL	41	-

N (número total de questionários avaliados) = 30

Fonte: Dados da pesquisa

Estes dados levam a crer que existem projetos e planos de apoio por parte das organizações governamentais e não governamentais para o TER da mesorregião sul e sudoeste mineira. Contudo, eles não estão alcançando seus fins, não sendo reconhecidos pelos empreendedores rurais, que são os atores diretamente interessados pelo desenvolvimento e fortalecimento da atividade.

4.6 As muitas modalidades existentes

“O turismo rural é um mosaico cujas expressões cênicas estão diretamente ligada aos recursos disponíveis e a sensibilidade de seu mentor” (Zimmermann ,1999)

Após constatar que tanto os produtores empreendedores como os técnicos consideram viável que as práticas produtivas agropecuárias sejam concomitantes a atividades turísticas, reconhecendo a forma de turismo adotada na região como aquela voltada para a realidade agropecuária e ao cotidiano da roça, a análise voltou-se para delinear as possíveis combinações existentes na região e, em particular, os arranjos que associam o turismo no campo com o modelo do tradicional trinômio “viagem, turismo e lazer”.

"Há muitas maneiras de se fazer turismo rural. Mas há uma condição básica, a de se respeitar o cotidiano da roça, seus atributos e peculiaridades. Se por ventura este produto for destruído, é destruído também o turismo rural" (Técnica R - Congresso Associação Brasileira de Administração Rural /1999).

Identificam-se na região algumas modalidades de turismo no espaço rural, tais como: hotel-fazenda, pousada-rural, pesque-pague, restaurantes rurais ou bar rural, cavalgadas, tropismo, colônias de férias, trilhas, casas ou chalés para temporadas, aulas de campo, entre outras (Quadro 13).

QUADRO 13 – Diferentes tipologias de atividades turísticas no espaço rural catalogadas na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais, segundo os produtores rurais, 1999.

Tipologia	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Hotel-fazenda	7	41
Pousada rural	5	29
Pesqueiros/ pesque-pague	8	47
Restaurante / bar rural	10	59
Cavalgadas	4	24
Tropismo	1	6
Esportes no espaço rural	1	6
Colônia de férias rurais	2	12
Trilhas	2	12
Casas para temporada	1	6
Aulas de campo	2	12
Outras especificações	3	18
TOTAL	46	-

N (número total de questionários avaliados) = 17

Fonte: Dados da pesquisa

Cabe ressaltar que o agroturismo não é citado como modalidade na mesorregião sul e sudoeste de Minas Gerais, como é comum em outras localidades, pois este elemento vocabular é reconhecido regionalmente como sinônimo de turismo rural. Ou seja, todo o empreendimento turístico tradicionalmente oferta a cultura rural e a possibilidade do turista viver esta realidade *in loco*, independente de sua modalidade.

Mesmo aqueles empreendedores que adquiriram fazendas vislumbrando a possibilidade de ativá-las para o turismo, procuraram desenvolver o cotidiano produtivo agrícola. O objetivo era não só a criação de um ambiente que responda às expectativas do turista, como também o abastecimento do empreendimento com os próprios produtos.

É interessante ressaltar que a ativação do turismo no espaço rural do sul/sudoeste mineiro segue esse padrão, independente do tamanho da área da propriedade ou mesmo dos tipos de unidades de produção. De modo geral, empresas familiares e empresas agrícolas são os principais tipos de unidades de produção envolvidos nesta nova atividade. As unidades familiares descapitalizadas, participam deste processo fornecendo mão-de-obra para a execução dos mais variados serviços, produtos agrícolas, doces e artesanatos em geral. Algumas dessas unidades de produção estão também com o que se denomina na região de rota rural.

"Temos um grande hotel-fazenda sim, mas nossa fazenda produz cotidianamente e nosso visitante participa da panha do café, da lida com as vacas e de muitas peculiaridades do cotidiano. Na verdade, ele vem para esta casa à procura disto mesmo" (Entrevistada S- Proprietária rural).

"Aqui no pesqueiro, a família inteira encontra o que fazer. Além dos tanques de pescaria, tem a área de lazer para crianças, a horta que o pessoal pode colher verdura e mesmo outras atividades cotidianas. Não é permitido o acesso lá em casa e mesmo em algumas áreas de plantação. Mas nas instalações do restaurante e demais áreas da propriedade não há problema de acesso (Entrevistado J- Proprietário rural).

"Na verdade, o que temos aqui é uma fazenda que recebe visitante e não um hotel que tem atrativos rurais, tudo anda muito junto. Quando eu mandei pintar a faixa eu não tinha escutado falar fazenda-hotel e por isso que eu coloquei hotel-fazenda. Mas, tudo bem, um dia eu mudo isso (Entrevistado G- Proprietário rural).

"As rotas rurais permitem que muitos dos pequenos proprietários participem mais ativamente deste novo movimento no campo"

(Entrevistada C - Técnica).

" Eu acredito que o que chama o turista para nossa propriedade, mesmo que por poucas horas para almoçar no fim de semana, é a possibilidade de comer uma comidinha com um tempero caseiro, sabendo que produzimos tudo aqui"(Entrevistada S- Técnica).

Os hotéis-fazenda apresentam-se como meio de hospedagem, operando com estrutura hoteleira. Todavia não são utilizadas construções de luxo que caracterizam o complexo hoteleiro rural, em outras regiões do estado. Muitos dos empreendimentos do sul/sudoeste mineiro apresentam características que os identificam com “fazenda-hotéis”, pois utilizam a estrutura preexistente da propriedade, adaptada para receber o turista e ofertar acomodações para pernoite. Mantém-se como uma fazenda que abre suas instalações para o turista.

Porém, é possível identificar este segmento turístico no espaço rural, como sendo aquele que atrai cada vez mais investidores da iniciativa privada. Conforme informações coletadas, já existem projetos de grande porte e altos investimentos que podem alterar futuramente o padrão regional do turismo no espaço rural detectado nesta pesquisa.

"Alguns empreendimentos apresentam investimento, na ordem de R\$15.000,00 outros na ordem de R\$ 7.000.000,00 como o Lodges Engenho da Serra localizado na região sul de Minas, no município de Itamonte, que apresenta-se como um projeto de empreendimento hoteleiro de alto nível e estrutura sofisticada, seguindo a linha do turismo rural" (*Catálogo SEBRAE, INDI e TECNITUR, 1999*).

Porém, muitos são os defensores de ideais que estabelecem para as atividades turísticas no espaço rural do sul/sudoeste de Minas um padrão regional voltado para o cotidiano e as tradições rurais, afirmando que este é o produto que o turista procura e sua descaracterização inviabilizaria a atividade.

4.7 Um "raio-x" do TER no sul e sudoeste mineiro

" Outro dia, teve uma pessoa aqui que falou que o turismo rural é modismo. Eu fiquei revoltada, pois tem muita gente que chega aqui e pergunta se o turismo é modismo. Eu respondo: "Vai ser sim um modismo, se você fizer mal feito"
(Entrevistado T / Representante de Associação) .

Como sugere a declaração anterior, o desenvolvimento das atividades turísticas no espaço rural em propriedades tradicionalmente agrícolas tem gerado conflitos de interpretação, sendo reconhecido como expressão de oposição entre a tradição e a modernidade, principalmente por parte daqueles que não se encontram envolvidos diretamente neste cotidiano.

Alguns pronunciamentos feitos por empreendedores do turismo e técnicos, em diferentes oportunidades, foram fundamentais para dar início ao processo de reconhecimento e percepção da realidade, como ilustra o pequeno comentário de um técnico presente no 3º Congresso Brasileiro de Administração Rural, em Belo Horizonte:

"Nada é tão bom. Nada é tão ruim."

Conceitualmente, o TER é qualquer tipo de atividade turística inserida geograficamente nos espaços rurais, sem necessariamente estar envolvido com a dinâmica da propriedade rural e de seu cotidiano produtivo, podendo apresentar, em alguns casos, formatos tipicamente urbanos. Entretanto, na região estudada, essas atividades integram-se ao cotidiano produtivo agropecuário ou silvícola, procurando manter a tradição rural e fugir de qualquer formato urbano dos grandes empreendimentos, como demonstram os relatos que se seguem:

"Sem dúvida, isso eu falo de cadeira, pois lá na minha fazenda a atividade rural antiga continua exatamente como era, só que muito mais interessante. Porque, por exemplo, o leite produzido na fazenda anteriormente a maioria era mandado para a cooperativa e sempre dava muito prejuízo. Hoje em dia, usa este leite para fazer queijo que usamos no hotel- fazenda e que vendemos para o nosso cliente, além do doce de leite e de ambrosia" (Entrevistado B - Proprietário rural).

"Não consigo imaginar um hotel tipo Melia dentro de uma propriedade rural. Aqui nesta região ficaria tão fora de propósito que certamente isso nunca acontecerá. O turista que vem para nossa terra, vem porque sabe que nas nossas fazendas, quando a gente acorda escuta o barulho da vaca, da lida no campo, o canto dos passarinhos. Que nos pesqueiros a gente pode pescar não só nos tanques mas também ali no começo do ribeirão. Aquele que quer encontrar um hotel de luxo sabe que existem outros pontos que não este. Que tal ir para a Jamaica?"(Entrevistada A – Técnica).

"O turismo rural tem que ser entendido como um turismo voltado para a apresentação e reconhecimento da realidade do campo pelo turista. É interessante aproveitar esta oportunidade e fortalecer este meio por muitos esquecido" (Entrevistado C - Técnica).

"É uma arma que, se bem usada, pode proteger a cultura da roça e de seu povo" (Entrevistada C – Técnica).

Essa maneira regional de interpretar o TER, reconhecendo a integração entre as atividades rurais cotidianas e atividades turísticas, confirmaram-se também nas informações coletadas junto aos proprietários rurais/ empreendedores (Quadro 14) e técnicos (Quadro 15). Nestes, a totalidade dos entrevistados reconhece que as atividades turísticas podem coexistir pacificamente com atividades agropecuárias tradicionais do sul e sudoeste mineiro.

QUADRO 14 Frequência e percentagem das respostas sobre a possibilidade de coexistência entre atividades rurais cotidianas e o turismo no espaço rural, segundo os proprietários rurais/ empreendedores entrevistados, 1999.

Respostas	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Sim	17	100
Não	0	0
TOTAL	17	-

N (número total de questionários avaliados) = 17-

Fonte: Dados da pesquisa

QUADRO 15 Frequência e percentagem da respostas sobre a possibilidade de coexistência entre atividades rurais cotidianas e o turismo no espaço rural, segundo os técnicos entrevistados, 1999.

Respostas	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Sim	30	100
Não	0	0
TOTAL	30	

N (número total de questionários avaliados) = 30

Fonte: Dados da pesquisa

Mas, interpretar o mosaico representativo dessa atividade exigiu ir além de identificar a possibilidade de coexistência com outras atividades tradicionais, tornando-se necessário reconhecer a complexidade que a envolve, como elucidou um dos entrevistados no seu relato descrito a seguir:

“ Não basta me falar que o turismo e a lida do campo combinam. Eu tenho que saber como devo fazer esta combinação e se realmente gosto desta combinação”
(Entrevistado L - Proprietário rural)

4.7.1 Identificando diferentes aspectos

Como toda atividade, o TER no sul e sudoeste mineiro também apresenta seus aspectos positivos e negativos.

“ O turismo rural apresenta-se como outra fonte de renda. Ela pode complementar os ganhos e diminuir o problema enfrentado com a sazonalidade da agricultura”(Entrevistado A- Técnico).

“Abrir a propriedade para o turismo é correr o risco de descaracterizar esta propriedade pelo turismo” (Entrevistado A- Técnica).

Um dos aspectos positivos para 73% dos técnicos entrevistados é o fato desta atividade gerar renda, o que pode impulsionar o desenvolvimento local.

Para 57% dos entrevistados, esta é uma atividade de grande alcance social, que possibilita a diversificação e geração de empregos para diferentes segmentos da sociedade, beneficiando a comunidade do entorno e a sociedade em geral.

Outro aspecto, considerado por 23% dos entrevistados, diz respeito ao fato destas atividades turísticas possibilitarem a “agregação de valores aos produtos rurais” como estratégia para o escoamento da produção. Demais aspectos considerados estão indicados no Quadro16.

QUADRO 16 Aspectos positivos das atividades turísticas no espaço rural, segundo os técnicos entrevistados no estado de Minas Gerais, 1999.

Aspectos positivos	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Alternativa econômica/ outra fonte de renda	22	73
Atividade geradora de emprego	17	57
Atividade que permite agregação de valor dos produtos da propriedade	7	23
Fixa a população no campo	7	23
Valorização do meio rural	7	23
Valorização dos recursos naturais/ meio ambiente	6	20
Desenvolvimento regional	5	17
Opção de lazer	4	13
Melhoria das condições de vida da população rural	3	10
Integração meio rural e urbano	2	7

Possibilidade de aproveitar antigas instalações da propriedade rural	2	7
Pode coexistir com atividades cotidianas produtivas da propriedade rural	2	7
Baixo custo inicial de implantação	1	3
Aumenta a arrecadação municipal	1	3
Capacitação de mão-de-obra	1	3
Integração com a comunidade local	1	3
Valorização da mão-de-obra feminina no campo	1	3
Oportunidade de desenvolvimento sustentável no campo	1	3
Total	90	-

N (número total de questionários avaliados) = 30

Fonte: Dados da pesquisa

É interessante ressaltar que a maioria dos aspectos positivos citados pelos técnicos entrevistados são também referendados pelos proprietários rurais/empreendedores do turismo.

Como os técnicos entrevistados, 29% dos empreendedores do turismo entendem que TER é uma alternativa econômica para a propriedade. A “valorização dos atrativos rurais”, citada por 24% dos proprietários rurais entrevistados, também reflete uma perspectiva esclarecedora, direcionada ao reconhecimento do ar puro, a simplicidade, o ambiente natural, aquele produto feito na roça, o cheiro do café torrado e a beleza das floradas das jabuticabeiras, fazendas-hotéis centenárias, pousadas rurais rústicas e o leite ao pé da vaca como fatores de sustentação da atividade (Quadro 17).

QUADRO 17 Aspectos positivos das atividades turísticas no espaço rural, segundo os proprietários rurais empreendedores, da mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais, 1999.

Aspectos positivos	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Alternativa econômica/ outra fonte de renda	5	29
Valorização dos atrativos rurais	4	24
Conscientização da população rural para preservação da natureza	3	18
Dinamização da propriedade rural	3	18
Não respondeu	2	12
Valorização da mão-de-obra regional	2	12
Valorização do meio rural	2	12
Melhoria na qualidade dos serviços ofertados na propriedade	2	12
Integração meio rural e urbano	2	12
Atividade limpa	2	12
Controle de qualidade dos produtos oferecidos/melhoria da qualidade	2	12
Melhora as condições de cidadania do pequeno proprietário rural	1	6
Conservação do patrimônio histórico e arquitetônico regional	1	6
Melhor utilização do espaço rural	1	6
Proprietários participam diretamente da atividade	1	6
Atividade auto-sustentável	1	6
Incentiva a produção agropecuária	1	6
Gera empregos	1	6
Desenvolve o artesanato regional	1	6
Todos	1	6
Total	38	-

N (número total de questionários avaliados) = 17

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto aos aspectos negativos citados, reconhece-se que os problemas do turismo no espaço rural do sul e sudoeste mineiro estão relacionados aos desenvolvimento de uma nova atividade, às mudanças de hábito de uma sociedade rural estabelecida e à postura inadequada de alguns turistas.

Segundo 33% dos técnicos (Quadro 18) e 36% dos proprietários entrevistados (Quadro 19), a agressão ao ambiente apresenta-se como um dos possíveis problemas gerados pela atividade, pois muitos empreendimentos estão sendo construídos sem planejamento prévio e mais pessoas estão visitando o campo. Toda esta movimentação leva a alterações ambientais que, se não forem bem estruturadas e planejadas, podem ser extremamente agressivas.

Além deste, outros fatores são citados, como a dificuldade para ativação, necessidade de vigilância constante e segurança no empreendimento, falta de infra-estrutura regional que dificulta o processo de implantação dos empreendimentos, e a perda de privacidade do proprietário rural, entre outras.

Porém, muitos dos entrevistados (36%) não reconhecem os aspectos negativos da atividade, talvez por ainda estar em fase de formação, o que não possibilita a avaliação dos efeitos causados.

QUADRO 18 Aspectos negativos das atividades turísticas no espaço rural, segundo os proprietários rurais/empreendedores entrevistados na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais , 1999.

Aspectos negativos	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Agressão ao meio ambiente	6	36
Não existem aspectos negativos	6	36
Dificuldades para ativação	4	24
Vigilância constante	2	12
Não respondeu	2	12
Falta de infra-estrutura regional	2	12
Perda da privacidade	2	12
Lixo residual	2	12
Stress nos animais da propriedade	2	12
Falta educação ambiental de turistas	1	6
TOTAL	27	-

N (número total de questionários avaliados) = 17

Fonte: Dados da pesquisa

QUADRO 19 - Aspectos negativos das atividades turísticas no espaço rural, segundo a perspectiva dos técnicos entrevistados no estado de Minas Gerais , 1999.

Aspectos negativos	Frequência (n)	(%) (n /N x 100)
Degradação ambiental	10	33
Artificialização ou descaracterização do meio rural	8	27

Não existem pontos negativos	7	23
Aumento de problemas sociais no espaço rural	3	10
Aumento da especulação imobiliária	3	10
Depreciação do patrimônio histórico cultural da propriedade	1	3
A visitação causa stress nos animais da propriedade rural	1	3
Turistas podem invadir propriedades vizinhas não abertas para a visitação, causando problemas ao proprietário	1	3
Depredação da propriedade	1	3
Prejudica o cotidiano da propriedade rural produtiva	1	3
TOTAL	36	-

N(número total de questionários avaliados) = 30

Fonte: Dados da pesquisa

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos, com base na análise dos dados e as reflexões desenvolvidas permitiram formular algumas considerações e conclusões sobre as questões centrais propostas acerca do reconhecimento do mosaico das atividades turísticas no espaço rural da mesorregião sul/sudoeste mineira e suas relações com valores e tradições rurais.

O caminho trilhado para a resolução destes questionamentos teve início na fase de construção do referencial teórico. Nele procurou-se conceituar turismo e turismo no

espaço rural contextualizando suas implicações históricas, sociológicas e administrativas, reconhecer o processo de formação e desenvolvimento do TER e suas distintas modalidades.

Optou-se pela construção de uma racionalidade metodológica, utilizando o método de coleta de informações de entrevistas semi-estruturadas. Contudo, recorreu-se, pela natureza do problema, à combinação com métodos de pesquisa complementares, tais como a entrevista não estruturada” e a “história da vida”. Essa triangulação de métodos permitiu que as informações coletadas fossem abordadas na perspectiva interpretativa, considerando os traços culturais, a intuição e a exploração do subjetivismo dos atores sociais envolvidos.

Foi possível constatar que o espaço rural, mesmo tendo seu processo de formação voltado para a produção agropecuária, sua principal atividade econômica até os dias atuais, passa por transformações evidenciadas pelo desenvolvimento e fortalecimento de outras atividades produtivas. Por isso o hábito de classificar a totalidade dos espaços rurais, como sinônimos de agropecuários, vem tornando-se obsoleto e perdendo o sentido de ser.

Observou-se que o fenômeno das novas atividades no campo, foi considerado, durante muitos anos, como formas de trabalhos inexpressivas para o contexto rural. A partir de meados dos anos 1980, esses fenômenos passaram a ser visto como forma estável e estrutural e transformaram-se em estratégia de desenvolvimento local.

Entre todas as possíveis atividades não agrícolas no mundo rural, podem-se evidenciar aquelas voltadas para o turismo e lazer, que surgiram paralelamente a um movimento mundial de utilização de novos espaços para consumo turístico, com propostas voltadas para a valorização do turismo interno, competente e sustentável.

Ao analisar a dinâmica de ocupação da população rural do sul e sudoeste mineiro, foi possível constatar que muitos membros desta população estão envolvidos com atividades não agrícolas voltadas para a prestação de serviços na área de turismo e lazer. Evidenciou-se que a origem do movimento turístico na região, se deu graças à disposição dos proprietários de algumas das mais tradicionais propriedades produtoras do sul de Minas, de procurarem soluções que permitissem enfrentar os problemas produtivos decorrentes do aumento do custo de produção, queda dos preços agrícolas, migração de mão-de-obra para centros urbanos, entre outros fatores.

Deve-se ressaltar-se, que todas as fazendas pioneiras das atividades turísticas nos espaços rurais nesta região eram, anteriormente, voltadas exclusivamente para a produção agropecuária. Eram administradas pela família, iniciaram com pouco investimento, sem o apoio ou incentivo de organizações públicas ou privadas, ofertavam simples lazer, alimentação e o reconhecimento do cotidiano da “roça”.

Também observou-se que todos os empreendimentos turísticos catalogados nesta pesquisa estavam incorporados ao cotidiano das propriedades. Mesmo aqueles empreendedores que adquiriram suas propriedades vislumbrando a possibilidade de ativá-las para o turismo procuraram desenvolver o cotidiano produtivo agrícola, objetivando não só a criação de um ambiente que responda às expectativas do turista mas também ao abastecimento do empreendimento.

A ativação do turismo no espaço rural do sul/sudoeste de Minas Gerais segue o padrão da "ruralidade", independente do tamanho da área envolvida ou mesmo de tipos de unidade de produção. Mas, de maneira geral, encontra na fazenda típica do sul e sudoeste mineiro o ambiente propício para seu desenvolvimento. Não apresentam-se como parte dessa realidade analisada, as grandes propriedades com uma dinâmica mais moderna de produção.

Em algumas localidades regionais, as unidades familiares de produção participam da economia gerada pelo turismo como fornecedores de produtos artesanais, bebidas e comidas típicas, bem como mão-de-obra para os empreendimentos turísticos próximos, complementando os proveitos de suas explorações.

Foi possível perceber a importância da participação da comunidade na atividade: a formação de parceria, de associações representativas e conselhos municipais de turismo.

Foi possível reconhecer que o turismo desenvolveu-se, na região analisada, concomitante a uma reanimação da migração urbano-rural. Isso ocorre devido à atração que o campo exerce naqueles que foram para os grandes centros urbanos e, após alguns anos, procuram retornar para sua região de origem, a fim de estabelecer moradia definitiva e fugir da cidade. Muitos desses "filhos da terra" são os novos empreendedores dessas atividades.

Identifica-se que muitas são as modalidades turísticas nos espaços rurais e que elas podem estar relacionadas ou não ao cotidiano produtivo e à cultura rural. Contudo, a

vivência da realidade na região permitiu reconhecer que, de maneira geral, tais atividades turísticas estão diretamente relacionadas com o cotidiano produtivo e cultura rural.

Por isso, equivocadamente, utilizam-se na região, as terminologias “turismo rural” e “turismo no espaço rural” como sinônimos.

Cabe ressaltar que o agroturismo não é interpretado, como em outras localidades do Brasil e do mundo, como uma modalidade do TR e sim como um padrão regional da atividade turística, existente em todos os empreendimentos turísticos. Ou seja, toda a propriedade voltada para o turismo, independente da modalidade que adotará, como pescueiros, restaurantes rurais, hotéis-fazendas, fazendas-hotéis, pousadas, chácaras de lazer, ranchos de visitação com venda de produtos tipicamente da roça, entre outras, reconhece como condição fundamental e diferencial turístico regional, a possibilidade de vivência e participação dos turistas nas atividades agropecuárias.

Para o desenvolvimento e fortalecimento dessas atividades no sul e sudoeste mineiro, a manutenção das tradições rurais é fator fundamental, pois este é o seu principal atrativo turístico.

Identificou-se que os primeiros empreendimentos turísticos rurais na região surgiram há aproximadamente quinze anos, mas a grande maioria surgiu há cerca de cinco anos.

Dados coletados durante a pesquisa evidenciam que, ainda há um grande percentual de empreendimentos em estágio de implantação. Por isso admite-se que nos próximos anos surjam outras realidades e outras formas de reconhecimento do TER.

Na região, a implantação das atividades turísticas nos espaços rurais representa uma forma de promoção do desenvolvimento local. Cabe ressaltar que esta é uma constatação local, analisada com base em dados coletados nas especificidades regionais, mas que não deve ser considerada válida para outras localidades sem prévia análise.

Muitos foram os elementos representativos identificados como parte do mosaico das atividades turísticas nos espaços rurais, os quais, para que seja realizada uma análise fidedigna, devem ser pesquisados seguindo uma metodologia de avaliação que objetive mapear áreas com potencial para as atividades turísticas.

Recomenda-se que seja feito um reconhecimento prévio da região onde há intenção de implantar atividades turísticas nos espaços rurais, analisando o entorno físico, os atrativos

naturais, as condições ambientais, geomorfológicas, os atrativos culturais, a paisagem cultural e a potencialidade da região.

As circunstâncias evidenciadas nos permitem concluir que o processo de pesquisa criado para o reconhecimento da realidade do TER na mesorregião sul e sudoeste de Minas pode ser utilizado em outras localidades e contextos. Devem ser seguidas as etapas de reconhecimento inicial da realidade, conceituação, identificação de potencialidade e aptidão, mensuração, coleta e análise de dados

Recomenda-se, em continuidade a este estudo, que seja feito o reconhecimento das demais mesorregiões de Minas Gerais e, posteriormente, nos demais estados. Estes dados compilados, permitiriam o mapeamento da realidade do TER, identificação das condições para o exercício da atividade e subsídios para a elaboração de políticas públicas adequadas à nova realidade rural do país.

Como sugestão para organizações governamentais, não governamentais e da iniciativa privada que atuam direta ou indiretamente com a atividades turísticas no espaço rural, acredita-se que seja necessário dar início a ações concretas e de maneira articulada para o seu desenvolvimento, fortalecimento e manutenção no sul e sudoeste mineiro, bem como em todas as demais regiões do país. Entre essas ações podem-se destacar:

1. que sejam estabelecidos critérios para a identificação das diferentes formas de atividades turísticas nos espaços rurais;
2. que sejam priorizadas ações em favor das atividades turísticas no espaço rural comprometidas com a produção agropecuária e promoção do patrimônio cultural e natural da sociedade rural. E que seja doravante denominada, nacionalmente, de turismo rural (TR);
3. que as demais atividades turísticas nos espaços rurais sejam diferenciadas do TR e que, doravante, sejam denominadas oficialmente de turismo no espaço rural (TER);
4. que sejam desenvolvidos estudos para a construção de uma legislação que contemple as especificidades da atividade e que sejam envolvidos nestes estudos representantes de diferentes grupos e atores sociais envolvidos;
5. estímulo à capacitação de profissionais por meio de entidades públicas e privadas e fomento a pesquisas, no âmbito municipal, estadual e federal;
6. organização de ofertas turísticas locais, por meio do diagnóstico da situação, envolvendo e analisando as expectativas da comunidade envolvida;

7. identificação dos produtos regionais que poderiam representar a região;
8. fomentar a participação popular;
9. organização de uma política de comunicações e informações turísticas eficientes como a folheteria, vídeos, outdoors e demais canais de comunicação;
10. organização de uma política de incentivo, visando à criação de linhas de crédito específicas.

Um caminho que nos parece particularmente profícuo nessa discussão é a necessidade de articulação entre os diversos atores sociais envolvidos nesta realidade, pois verifica-se que, graças a esta falta de articulação, são despendidos esforços individualizados que não surtem o efeito almejado.

Recomenda-se que seja criada uma Organização Nacional de Turismo Rural, com a participação de representantes de diversas entidades representativas, visando à análise e planejamento da realidade, articulação, integração e apoio institucional, regidos pelos princípios de valorização regional, cultural e nacional.

Recomenda-se que todas as associações estaduais estejam representadas nessa organização nacional, bem como as agências de extensão, pesquisa e fomento, instituições de ensino, organizações municipais, estaduais e federais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR,E; GOMES, M.A O. **Metodologia de pesquisa social e diagnóstico participativo**. Lavras, Universidade Federal de Lavras, 1998.

ALMEIDA, J.A.; BLOS, W. O marketing do turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: UFSM (ed.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Santa Maria: UFSM, 1998. Cap. 1, p.57-64.

ANDRADE, J.V. de A . **Turismo fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECOTURISMO- ECOBRASIL . **Glossário do turismo** [on line]. 1999. Disponível: <http://www.ecobrasil.org.br/gloss.html>. [capturado em 28 maio 1999].

AVILÉS, P.R.; REQUENA, J.C. Uma oportunidade para as zonas rurais desfavorecidas? **Revista Leader Magazine**, Lisboa, n ° 4, p7-9, outono 1993.

BARRERAS, E. Situacion del turismo rural en la republica argentina. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDLY, M.; FROEHLICH, J.M. (org). **Turismo rural e desenvolvimento**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1998.

- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac- SP, 1997.
- CALS, J.; CAPELLÀ, C.; VAQUÉ, E. **El turismo en el desarrollo rural en Españã**.
Madri: Min. de Agricultura, 1995.
- CARDOSO, A. **O novo rural brasileiro: abordagem regional a partir de uma economia regional, o Triângulo Mineiro**. Uberlândia: Dissertação-Mestrado). UFU, 1998.
- CARNEIRO, M.J. Realidade: novas identidades em construção. In: **Congresso brasileiro de economia e sociologia rural**, 35., 1997, Natal. SOBER, 1997. p. 147-185, 1997.
- CROSBY, A; **El desarrollo turistico sostenible en el medio rural**. Madrid: CERAT-NATOUR, 1993.
- CROSBY, A; MOREDA, **A desarrollo y gestion del turismo en areas rurales y naturales**. Madrid: CERAT-NATOUR, 1996.
- DESPLANQUES, H. Une nouvelle utilisation de l'espace rural en Italia: l'agritourisme. **Annales de Géographie**, Paris: v.82, n.450, p.151-64, mars-avril, 1973.
- DONNERMEYERER, J. F. Turismo rural e cultura local: a experiência Amish In: ALMEIDA, J.A.; RIEDLY, M. (org). **Ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- FOWIER JR., F.J. **Survey research methods**. Londres, Sage,1993.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE.
Censo Demográfico: Contagem da população. Sistema de recuperação de informação municipal. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.
- GRAÇA JOAQUIM, M. Da identidade à sustentabilidade ou a emergência do turismo responsável . **Revista de Sociologia - Problemas e Práticas**. V.12, n .23, Lisboa, 1997.

GROLLEAU, H. España y la experiência europea. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL**. Escola de Economia, Gestão e Turismo / Universidade do Algarve, 1993. p.35-7.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1987.

HAUSER, M. Evolución del turismo rural en Austria, intento de aplicación de una idea de marketing al caso del Tirol. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL**. Faro: Escola de Economia, Gestão e Turismo/ Universidade do Algarve, 1993. p. 19-26.

IGNARRA,L.R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO - EMBRATUR. **Manual operacional do turismo rural**. Brasília: Ministério da Indústria , do Comércio e do Turismo, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO - EMBRATUR **Diretrizes Para Uma Política Nacional de Ecoturismo**. Brasília: Ministério da Indústria , do Comércio e do Turismo, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO - EMBRATUR **Diretrizes Para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. Brasília: Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, 2000.

JONES, P. **Studying society: sociological theories and research practices**. Londres: Collins, 1993.

KELLER, P. Turismo rural, ¿esperanza o ilusión? Una aportación vista desde la perspectiva de Suiza. In: **Seminário Internacional sobre Turismo Rural**, Faro: Escola de Economia, Gestão e Turismo / Universidade do Algarve, 1993. p. 27-33.

KNIGHT, J. Competing ospitalities in Japanese Rural Tourism. **Annals of Tourism Research**, London: v. 23, 1996. p 165-180.

LAURENT, C.; MAMDY, J. F. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDLY, M.; ROEHLICH, J. M. (org.). **Turismo rural e desenvolvimento**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1998.

LEADER e o turismo rural. **Leader Magazine**, Lisboa, nº 4, p. 10-12, outono 1993.

MAILHOS.V. Experiencias asociativas de los productores agropecuarios en el uruguay. Apreciaciones sobre el turismo rural del uruguay de ayer y hoy In: **Congresso Internacional de Turismo Rural del cone Sur, 3.**, Buenos Aires, 1998. P.6-12

MAILHOS V. El turismo rural en el Uruguay. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDLY, M.; FROEHLICH, J.M. (org.). **Turismo rural e desenvolvimento**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1998.

MARX, K. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

MENDRAS, H. **Sociologie de la campagne française**. Coll. Que sais-je, Paris: PUF, 1959

MOINET, F. **Le tourisme rural**. Paris: France Agricole, 1996

MORMONT, M. Espace rural et domination: le tourisme dans les Ardennes Belges. **Sociologia Ruralis**, Arsen, v.20, n.4, p.272-286, 1980.

- OLIVEIRA, D. A N. de. Turismo de consumo. In: GASTAL,S.(org) **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: Editora dos Autores, 1998, p. 88- 99.
- OPPERMANN, M. Tourism space in developing countries. **Annals of Tourism Research**, London, v.20, p.535-56,1993.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE TURISMO-OMT. **Dados essenciais**. Madrid: OMT, 1996
- ORTOLI, P. Tourisme et développement local. **Développement rural**, Paris: Grain de Sel. Inter-Réseaux, n.10, Juillet, 998.
- OURIQUES, H.R. **Turismo em Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 1998.
- OXINALDE, M. del R. **Ecoturismo - nuevas formas de turismo en el espacio rural**. Barcelona: Eras,1994.
- PADILLA, O de La T. **El Turismo - Fenómeno Social. Sección de Obras de Sociología** . México: Fondo de Cultura Económica: 1994.
- PEREIRA, I. T. À beira-mar plantados. **Revista Evasões Portugal**, v.4, p.26-36, ago. 1998.
- PIRES, P dos S. Paisagem litorânea de Santa Catarina como recurso turístico. In: YÁZIGI, (orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p 161-176.
- PRESVELOU, C. Ações inovadoras em turismo. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDLY, M.; FROEHLICH, J. M. (org.). **Turismo rural e desenvolvimento**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1988.
- QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais : do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

RAMBAUD, P. Tourism ey village: un debat de societ. **Sociologia Ruralis**, v.20, n.4, p. 232-285, 1980.

REQUENAS, J.C; AVILÉS, P.R. O agroturismo: uma forma de turismo a se considerar. **Leader Magazine**. Lisboa, n. 4, p.13-16, outono. 1993.

RIBEIRO, C.J. **Turismo no espaço rural em Portugal: um apontamento introdutório**. Braga: Universidade do Minho / Escola de Economia e Gestão, 1993. 21p. Apostila

RIBEIRO, M. Turismo rural em Portugal: dos seus protagonistas principais e da sua configuração. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDLY, M.; FROEHLICH, J.M. (org.). **Turismo rural e desenvolvimento**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1998

RODRIGUES, A B. Turismo eco-rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDLY, M.; FROEHLICH, J.M. (org.). **Turismo rural e desenvolvimento**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1998.

RODRIGUES, A B. Turismo rural no Brasil - ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDLY, M (org.). **Ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru – SP: Ed. da Universidade Sagrado Coração,2000.

RODRIGUES, I. da S. **O potencial turístico de Itaara- RS: o desenvolvimento do turismo e a conservação da paisagem**. Santa Maria: UFSM, 1999. 105p. (Dissertação-Mestrado).

SAINT-HILAIRE. A de **Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais (1816-1822)**. São Paulo. USP, 1974.

- SALL, U. "...Quando los turistas llegaron..."**In: Dessarrollo y cooperación.** Fundación Alemana para el Dessarrollo Internacional, Bonn, n2, p.8-11, 1987.
- SANTO, A E. **Delineamentos de metodologia científica.** São Paulo. Ed Loyola, 1992.
- STAKE, R.E.E Case studies. In: DENZIN,N.K.& LINCOLN.Y.S **Handbook of qualitative research.** Londres: Sage, 1994.
- SILVA, J.G.; VILARINHO, C.; DALE. P.J.; Turismo em áreas rurais. In: ALMEIDA, J.A.; RIEDLY, M.; FROEHLICH, J.M. (org.). **Turismo rural e desenvolvimento.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria,1998.
- SUDAN, S; BRADBURN, N.M. **Asking questions: a practical guide questionnaire design.** London: Jossey-Bass Publishers, 1983
- TEIXEIRA, V.L. **Pluriatividade e agricultura familiar na região serrana do estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: UFRRJ,1998.185p. (Dissertação – Mestrado)
- TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo, Atlas, 1987.
- TULIK, O Do conceito às estratégias para o desenvolvimento do turismo rural. In: **RODRIGUES, A. (org.) Turismo e Desenvolvimento Local.** São Paulo: Editora Hucitet, 1997. p. 136-143.
- UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. **Glossário: Turismo visão e ação.** 2000. Itajaí: UNIVALI, ano 2, n.4, fev. 2000. p.79.
- VEIGA, J. E. da. **A face rural do desenvolvimento. Natureza, território e agricultura.** Porto Alegre. Ed. da Universidade. UFRGS, 2000.
- WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL (WTTC). **Informações Gerais** [on line] 2000..Disponível: [http:// www. wttc.org](http://www.wttc.org). [capturado em 01 de janeiro de 2000]

WORLD TOURISM ORGANIZATION (WTO). **Sustainable Tourism Development: Guide for Local Palnners**, Madrid: Ed. WTO, 1993.

ZIMMERMANN, A **Turismo no Espaço Rural e Natural**. [on line] 1995. Disponível : <http://www.zimmermann.com.br/espaco.htm>. [capturado em 09 de setembro de 1995]

ZIMMERMANN, A; CASTRO, I.C. **Turismo rural : um modelo brasileiro. Florianópolis**. Editora do Autor. 1996

ZIMMERMANN, A Planejamento e organização do turismo rural no Brasil. In: ALMEIDA, J. A .; RIEDLY, M.; FROEHLICH, J.M. (org.) **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Maria, 1998. Universidade Federal de Santa Maria.

ZIMMERMANN, A **Pousadas Rurais& Hoteis Fazenda**. [on line] 1999. Disponível : <http://www.zimmermann.com.br/propriedades.htm>. [capturado em 21 de maio de 1999]